

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Augusto Schallenberger



CIBERHUMOR NAS COMUNIDADES SURDAS

Porto Alegre
2010

Augusto Schallenger

CIBERHUMOR NAS COMUNIDADES SURDAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Tradução: Luiz Daniel Rodrigues

Porto Alegre
2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S298c Schallenberger, Augusto

Ciberhumor nas comunidades surdas / Augusto Schallenberger; orientadora:
Lodenir Becker Karnopp. Porto Alegre, 2010.
72 f. + Anexo + CD-ROOM.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010,
Porto Alegre, BR-RS.

1. Comunidade dos surdos. 2. Humor. 3. Cultura surda. 4. Língua brasileira
de sinais. 5. Internet. I. Karnopp, Lodenir Becker. III. Título.

CDU – 376.353:792

Augusto Schallenberger

CIBERHUMOR NAS COMUNIDADES SURDAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 22 set. 2010.

Profª. Dra. Lodenir Becker Karnopp – Orientadora

Profª. Dra. Adriana da Silva Thoma – UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Andrés Lulkin – UFRGS

Prof. Dr. Luís Henrique Sommer – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Desde pequeno eu imaginei que teria de enfrentar dificuldades na vida. Sim, foram muitas as dificuldades, muitos os momentos de conflito, de incertezas. Eu quero dizer de maneira simples aquilo tudo que tenho sentido, desde criança, já que dificuldades todos nós temos e não vale a pena ficar se lamentando. Quero dizer, sobretudo, que as pessoas que me cercaram desde a infância foram sempre muito importantes porque a dificuldade nunca apareceu sozinha, mas sempre acompanhada de orientações, de estímulo, de carinho. Eu e minha irmã aprendemos muitas coisas desde pequenos. Compartilhamos muitos momentos com nossa avó, que foi sempre nossa fortaleza e alegria. Quando decidi por minha vida, fui por ela encorajado. Quando me casei, obtive aprovação. Quando tive conquistas, fui parabenizado. Minha querida avó, que se ausentou de nossas vidas, talvez seja a origem de todo este trabalho, pois suas palhaçadas ficaram marcadas em minha memória junto com seu amor. Assim como todas as pessoas da minha família, meus pais, minha esposa, tiveram sua contribuição. As dificuldades existem, sempre irão existir, mas que graça teria a vida sem suas estranhezas e inconformidades?

Minha família, pai, mãe, irmã, minha amada esposa, meus amigos, que sempre me fizeram acreditar no meu potencial, devo tudo a vocês, se tenho obtido sucesso, é por causa do amor de cada um.

Agradeço principalmente à matriarca da minha família, Irene, que infelizmente não está comigo em corpo, mas em espírito continua presente.

Gostaria que minha avó pudesse ver este trabalho, gostaria de entregá-lo em suas mãos, mas já que isso não é possível, quero compartilhá-lo com os surdos, minha segunda família.

Agradeço especialmente minha esposa Ana Luiza Calda que sempre me impulsionou a continuar nesta vida.

Ao Andre Reichert e Luiz Daniel Rodrigues, pela amizade e trocas.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo identificar algumas expressões de comunidades surdas através do humor. O instrumento mais utilizado para esta pesquisa é uma ferramenta da internet que vem sendo usada pelas comunidades surdas do mundo inteiro, o *youtube*. A pesquisa tem como proposta valorizar as produções surdas em língua de sinais para que estas sejam registradas, evitando que se percam informações sobre a cultura surda e trazendo contribuições para a cultura surda. Verifica-se que a produção de vídeos entre os surdos expõe questões igualmente pertinentes às comunidades surdas mesmo quando se tratam de países distantes. Os vídeos, em número de 20 (vinte), foram coletados entre março de 2008 até abril de 2010. A partir das noções de comunidade, de Bauman; de identidade, de Hall e da evidente necessidade de registro das produções dos surdos, percebe-se o quanto os vídeos analisados carregam marcas da vida e da experiência dos surdos e da língua de sinais. A relevância deste tipo de investigação é no sentido de perceber quais marcadores culturais são mostrados em relação aos surdos, o que os próprios surdos registram como parte de sua cultura e qual o estatuto da língua de sinais em um meio de comunicação como a internet; que mais do que comunicar, produz um modo de ser surdo.

Palavras-chave: **Educação de surdos. Humor. Cultura surda. Língua brasileira de sinais. Internet. Comunidade Surda.**

ABSTRACT

This thesis aims to identify some expressions of deaf communities through humor. The most commonly instrument used for this research is an Internet tool that is being used by deaf communities in the whole world: youtube. The research proposal is to enhance the deaf production in sign language in ways that they be recorded, preventing them from losing information about deaf culture and making contributions to the education of deaf. It appears that the production of videos between deaf people also exposes issues pertaining to deaf communities even when dealing with distant countries. Videos by number of twenty (20) were collected from March 2008 to April 2010. Based on the notions of community, Bauman, of identity, of Hall and of the evident need for registration of deaf's production, you realize how the analyzed videos bear marks of life and experience of the deaf and sign language. The relevance of such research is in order to understand which cultural indicators are shown in relation to the deaf, what do the deaf people register as part of their culture and what is the statute of sign language in a mean of communication like the Internet, which does more than communicate, produces a way of thinking.

Keywords: **Deaf Education. Humor. Deaf culture. Brazilian sign language, internet. The deaf community.**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Sinal de <i>Youtube</i> Utilizado Nesta Pesquisa.....	12
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UMA MANEIRA DE SER SURDO: minha vivência	12
3 AS TECNOLOGIA DE REGISTRO DA CULTURA	20
3.1 O FENÔMENO DO REGISTRO CULTURAL SURDO	22
3.2 APRENDER A SER SURDO: formas de enviar e receber enunciados	23
4 HUMOR SURDO NA REDE	26
4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE	27
4.1.1 Comunidade Surda e Pertencimento Cultural: os sinalizadores ouvintes	27
4.1.2 A Expressividade no Humor: metáforas, expressões faciais e corporais	33
4.1.3 Piadas: estereótipos em sinais	37
4.1.4 Outras Produções Humorísticas: <i>Stand up comedy</i>, histórias em ABC e esquetes	40
5 A CONTRUÇÃO DAS MARCAS DO HUMOR NA COMUNIDADE	47
5.1 SUJEITOS CULTURAIS	49
5.2 COMUNIDADES VIRTUAIS E PERTENCIMENTO CULTURAL	50
5.3 AS CONTEMPORÂNEAS COMUNIDADES SURDAS.....	51
5.4 PERTENCIMENTOS NO HUMOR	56
5.5 REALIDADE E VIRTUALIDADE	57
6 O HUMOR COMO EXPERIÊNCIA DE SI	60
6.1 POLÍTICAS HUMORÍSTICAS ENTRE OS SURDOS	61
7 REFLEXÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	70
ANEXO	73
ANEXO A – Banco de Dados – Adaptado de Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin. Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (no prelo)	74

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo identificar algumas expressões de comunidades surdas através do humor. A experiência visual é algo fundamental neste humor, assim como na construção dessa diferença chamada diferença surda. A minha visão entre meus parentes de origem alemã era pouco estimulada, mesmo com seus gestos espalhafatosos e meu pai gritando piadas que faziam todo mundo cair na risada, os meus olhos tinham um trabalho relativamente calmo. Já entre os surdos, o meu sentido de visão se tornou dinâmico, incerto e agitado. Eu não tive paz, não tive mais descanso para meus olhos, e a partir daí minha visão sobre meus parentes se tornou, além de intranquã, uma visão que busca um sentido de instabilidade, como se meus olhos que, já acostumados com uma velocidade diferente, conseguisse enxergar as lacunas da maneira de se comunicar dos ouvintes em relação à minha maneira de pensar e comunicar.

Sem dúvida, me senti e ainda me sinto muito tocado quando me são contadas as histórias de meu pai, que quando criança chegou a colocar um sapo embaixo da cama de cada um dos seus irmãos, e após a reza noturna com o avô, quando este apagou a luz e se retirou, todos meus tios saíram correndo apavorados com os bichos embaixo das camas. Vejo que os surdos parecem também sentir uma espécie de pavor e saem correndo atrás de seus iguais.

A proposta da pesquisa é descrever e analisar as produções culturais dos surdos, especificamente as produções humorísticas em língua de sinais, identificando a forma como os surdos registram suas produções depois de ter à sua disposição o *youtube*, onde a língua de sinais é veiculada no mesmo.

O instrumento mais utilizado para esta pesquisa é uma ferramenta da internet que vem sendo usada pelas comunidades surdas do mundo inteiro, o *youtube*. E o sentido de busca nesta pesquisa não é somente um procedimento de pesquisa, tento fazer uma espécie de paródia de uma busca que é de uma comunidade: essa é a minha busca, a busca de todos os surdos que se vêem como surdos. Diferente da calma de minha família, onde a comunidade lingüística (no caso, alemã) já estava dada, eu como surdo tive que fazer uma busca por uma comunidade, e, sempre que se trata de cultura, tive eu também que inventá-la e construir junto aos surdos. Entretanto, busco em primeiro lugar me deter neste tema que tem pouca ou nenhuma análise acadêmica no Brasil que é o humor surdo.

O humor surdo tem a ver com a capacidade de ver e reproduzir. Mas reproduzir deve ser visto como diferente de imitar. Os surdos com os quais convivo têm no humor uma forma de conhecimento de si e dos outros; através do encontro, seja virtual ou real, os surdos reproduzem características e gestos uns dos outros e dos ouvintes de maneira a criar formas de representação, alternativas de nomeação e experimentação. São várias as expressões faciais, os gestos e os contextos onde estes aparecem, mas me parece sempre que o humor surdo tem, além do sentido de descontração, um propósito expressivo que explora as maneiras de ser das pessoas. Esta maneira de representar o outro tem continuidade hoje na internet, com as tecnologias de registro da sinalização dos surdos, algo que não era amplamente acessível há tempos atrás nem aos surdos economicamente mais privilegiados.

Utilizar esta ferramenta tecnológica significa muito para uma pesquisa dentro dos estudos culturais em educação e da educação de surdos, pois é uma maneira de focar na produção de registros em língua de sinais sem a mediação da escrita da língua oral, isto é, é uma pesquisa focada na experiência surda e no uso dos sinais.

Para efetuar esta investigação, utilizo-me das próprias produções veiculadas no site de troca de vídeos *youtube.com*. O impacto dessa ferramenta pode ser analisado de muitas formas. Do ponto de vista dos direitos autorais, por exemplo, é mais uma revolução no que concerne aos direitos de propriedade intelectual e artística, veja-se o impacto de outros sites e programas que foram lançados em anos anteriores na internet (*Napster*, *E-mule*, etc). Como estou interessado em analisar um impacto dentro de grupos específicos (como são as comunidades surdas), não me ateno senão às expressões possibilitadas por este veículo, dentro de um contexto cultural que viu na internet uma possibilidade de mostrar e trocar produções.

Segundo o site *Wikipédia*, o *youtube* foi lançado no Brasil em 2007 junto com os países que mais acessam a rede. Teve impactos sociais importantes, desde a questão legal dos direitos autorais até a influência nas eleições dos Estados Unidos. Mas o que venho fazer nesta pesquisa tem mais a ver com a memória e registro de sinais de surdos.

Eu criei um sinal para *youtube* como uma maneira de dar um foco à pesquisa, no entanto este é um sinal arbitrário; é possível que existam outros sinais para este site que desconheço. O sinal que criei é feito com as duas mãos, em que a mão de

apoio apresenta uma configuração em “Y” e a mão ativa realiza o movimento interno dos dedos em uma configuração com a mão aberta e dedos estendidos.



Figura 1– Sinal de *Youtube* Utilizado Nesta Pesquisa

Em comparação a outras formas de expressão utilizadas pelos surdos (desenhos, charges, teatro, mímica, gestos, metáforas), o *youtube* parece se destacar e ganhar espaço como uma ferramenta que abre outras possibilidades, pois parece abranger diferentes formas de expressão. Sendo um meio de registro inimaginável há tempos atrás por sua agilidade, acredito que traz uma nova maneira de pensar a circulação da língua de sinais, partindo de meio de expressão efêmero e dependente de tecnologias descritivas (e eventualmente filmagem com câmeras), para um registro efetivo e coletivo, semelhante ao modo como as línguas faladas possuem a escrita como apoio para registrar e guardar memórias.

Neste sentido, acredito que o humor surdo passa a ser uma entrada para uma discussão de algo mais amplo que é a literatura surda, no sentido de demonstrar que o registro dos sinais no *youtube* traz algo que sempre foi incontornável na história das produções surdas. Obviamente para os ouvintes o *youtube* também trouxe uma revolução no sentido de os registros culturais poderem ser acessados a qualquer hora do dia ou da noite, mas para os surdos o diferencial ocorre justamente por nossa histórica carência de registro de nossas produções em língua de sinais.

Entre os surdos, ainda são raros os escritores surdos que têm seu trabalho amplamente divulgado: vejo que os surdos ainda estão numa fase de apropriação dos meios, de busca por formas de divulgação de suas produções culturais.

As piadas, crônicas, sátiras e comédias clássicas dos ouvintes estão depositadas em suas memórias, em falas do cotidiano, em livros, em textos diariamente publicados em jornais, em arquivos das redes de televisão, cinema, teatro, internet etc. Mas se tratando de uma cultura surda, onde estariam depositadas as informações, as memórias, as narrativas, as piadas? Há uma memória coletiva, sem dúvida, existem relatos traduzidos para a língua escrita, alguns raros registros na escrita da língua de sinais (*sign writing*), outros filmados em VHS ou DVD. O desenvolvimento tecnológico proporcionou formas visuais de registro e isso favoreceu a publicação e divulgação das produções culturais em línguas de sinais.

Existem metáforas que se repetem conforme situações vividas por surdos, mesmo que este surdo não tenha acessado conteúdos humorísticos em forma escrita ou gráfica. Entretanto, verifico a emergência de uma nova maneira de acessar informações e que as piadas são registradas com eficiência. “O mundo virtual funciona, então, como depósito de mensagens, contexto dinâmico acessível a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real.” (Lévy, 1999, p. 146). Este depósito poder-se-ia dizer, é uma revolução na maneira de registrar qualquer conteúdo, e o humor é de grande importância devido ao caráter visual, gestual e expressivo que o humor surdo apresenta.

Esta dissertação trabalha com alguns conceitos que dizem respeito à vida social dos surdos, talvez os principais sejam o de humor e o de comunidade. Para a noção de humor nas comunidades surdas utilizo referenciais retirados de “*O Riso e o Risível na História do Pensamento*” de Alberti (1999), “*Humor e Alegria na Educação*” de Arantes (2006), “*O Riso nas Brechas do Siso*” de Lulkin (2007) e “*Os Humores da Língua*” de Possenti (1998). A utilização do conceito de comunidade foi retirada de Bauman (2003) que se refere a uma organização fluída do território aparentemente seguro e incontestável da vida comunitária. A comunidade é territorial e também temporal, nisso o sentido de rede virtual define uma nova maneira de organizar o encontro, a interação e a comunicação entre os integrantes da comunidade.

O objetivo desta dissertação é verificar as produções culturais dos surdos, especificamente as produções que contêm “os humores da língua” e a forma como os surdos registram suas produções depois de ter à sua disposição o *youtube*, onde a língua de sinais é veiculada no mesmo.

Considerando a proposta desta dissertação, o conceito de comunidade é fundamental para esta investigação, é como se houvesse uma transformação no sentido desta comunidade a partir de mudanças tecnológicas, já que antigamente os surdos dispunham apenas de suas memórias sem a necessidade de ferramentas. A comunidade, nesse novo ponto de vista, não seria um lugar exatamente seguro, mas ela seria atravessada pela possibilidade de inventar lugares exteriores que a fizessem existir, como o site *youtube*, que armazena informações a serem buscadas pelos surdos. Bem, poderíamos empilhar corpos em um lugar que parecesse com uma biblioteca, mas acho mais adequado que seja criado um lugar virtual sem cérebros guardados em conservas.

O conceito de humor usado está direcionado ao entendimento de experiência dessa comunidade. É como se o humor fosse um dos alimentos que mantêm viva a comunidade, que precisasse ser utilizado sempre como garantia. Os surdos, segundo afirma Ladd (2007), possuem uma comunidade não local, mas mundial, já que as línguas de sinais são compartilhadas de maneira mais ou menos acessível aos surdos. A comunidade mundial de que fala Ladd (2007) deve ser vista com cuidado, já que existem variáveis diversas que impediriam, por exemplo, o fato de a maior parte dos surdos do mundo não ter acesso a internet, mas se pode dizer que as comunidades dos surdos no mundo estão se mantendo em suas especificidades locais, com o auxílio, entre outras coisas, da internet para o registro das sinalizações.

Quando se assiste a um vídeo produzido em outro país, os surdos tentam ao máximo compreender o conteúdo em outra língua de sinais, já que não se sentem tão diferentes dos surdos estrangeiros mesmo que se trate de um país muito distante ou de outra língua de sinais.

Os materiais coletados do *youtube* são em número de 20 vídeos com média de 4 minutos cada um. Eles são analisados um a um separados por uma classificação que eu achei adequada conforme o aparecimento dos vídeos, em pesquisa realizada no site através das palavras “humor surdo”, “piadas de surdos”, “*deaf jokes*” (piadas de surdos), “*deaf humor*” (humor surdo). A pesquisa no site foi

realizada em português e em inglês, no entanto poderia ser feita em inúmeras outras línguas orais como espanhol, francês, alemão. Entretanto optei por esta limitação por dois motivos: o português, obviamente, por se a língua do país em que vivemos; o inglês, por ser a língua em que há muito material deste tipo. As outras línguas não foram selecionadas para fins de delimitação da pesquisa e por maior complexidade no processo de tradução. Os vídeos são de humor, piadas, metáforas, narrativas, podendo não ter o humor exatamente como objetivo principal, mas que tenha de algum modo a expressão humorística.

Assim, os Estudos Culturais e a pós-modernidade fluída de Bauman estão nesta dissertação, pois me ajuda a pensar nova maneira de entender a linguagem, o registro, a pesquisa, a consolidação de uma língua, a organização da memória surda, tendo como objeto de investigação o humor surdo. Com a intenção de não perder os registros, tirá-los do esquecimento, que a fluidez desta pós-modernidade não nos faça perder um sentido de referência às produções da comunidade surda.

2 UMA MANEIRA DE SER SURDO: minha vivência

Eu poderia dizer que me tornei surdo em determinado momento de minha vida, que foi o momento em que pude compartilhar sentimentos de uma maneira mais clara e mais direta, o momento que passei a aprender a Língua de Sinais. Isso não quer dizer que não havia comunicação nem aprendizado com minha família ouvinte, pelo contrário, posso dizer que fui privilegiado por ter uma família que me estimulou e me ajudou a me desenvolver, porém é inegável que alguns sentimentos tomaram forma quando tive contato com meus pares.

Apreendi os sinais aos 17 anos, quando vim para Porto Alegre de minha cidade, Montenegro. Desde aquele tempo (1984) até hoje, vários momentos foram vividos pela comunidade surda, inclusive o questionamento sobre o sentido mesmo da existência de uma comunidade. Percebemos nossa união e processos de identificação entre nós, que é decorrência de nossa experiência singular com a linguagem e experiência do mundo, no entanto percebemos também que matizes perpassam essas identificações, alguns desses processos os quais tentarei observar nesta pesquisa, são nada menos do que nossa cultura, língua e comunidade, através de histórias humorísticas.

Várias transições, no que diz respeito à visibilidade e acesso dos surdos na sociedade, também foram vividos por mim. Desde que eu era adolescente, percebi como a inserção dos surdos na escola e nas associações era algo difuso, estranho, parecia que havia conflitos, mas eu não me questionava sobre isso. Eu me questionei depois de alguns anos como integrante da comunidade surda, de que havia algumas questões ainda não explicadas, ainda não claras que nós devíamos nos apropriar. Estas forças consistiam em progressivas descobertas feitas por nós surdos à medida que íamos nos apropriando dos espaços institucionais e políticos, como por exemplo a Universidade. Cheguei a ter participação ativa na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul. Gostava dos movimentos da década de oitenta. Um sentido político nos orientava nos unia e nos fazia crer num sentimento como que familiar.

Eu me formei no ensino secundário, em 1991, na Escola Especial Concórdia então voltei para a casa de minha família para trabalhar junto no negócio do meu pai. Continuei tendo pouquíssimo contato com a comunidade surda. Somente nos finais de semana eu ia para Porto Alegre. Minha esposa teve um papel muito

importante neste processo, pois ela entrou primeira na Faculdade e me convenceu de que eu também poderia fazer. Minha esposa estava estudando na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), ela me sugeriu que eu também fizesse Faculdade. Fui para ULBRA, que é uma universidade que já tem um trabalho de inclusão de surdos há mais tempo, e ingressei no Curso de Pedagogia. O início do curso foi um pouco difícil, pois faltavam intérpretes, não eram todas as disciplinas que dispunham deste profissional. Depois de algum tempo, a ULBRA passou a disponibilizar o intérprete em todas as disciplinas em que havia surdos matriculados.

Minhas colegas ouvintes de Faculdade me perguntavam se eu não deveria usar aparelho auditivo. Eu particularmente não gosto de usar aparelho porque, para mim, é algo incômodo, me sinto mais livre sem ele. Também o aparelho acaba me estimulando auditivamente e, ao contrário do que se pode pensar, isso não surte efeitos positivos, pois a visualidade, que é minha maneira de entender e me relacionar com o mundo, ficam prejudicados quando eu escuto algum som. Alguns surdos gostam do aparelho, isso é algo muito particular, mas sinceramente eu não consigo ver algo além de uma mecanização do próprio corpo sem qualquer auxílio mais efetivo. Há também os surdos que optam pelo implante coclear, ou são obrigados a isso, mas neste caso eu sinto que não há nada além de sofrimento: os surdos tentando se tornar o que não são, ou seja, ouvintes. Nos estudos eu nunca tive necessidade de usar aparelho, parece que eu consigo muito bem me apoiar na visão, é como se meu olho fosse o meu ouvido. Não ficava incomodado com o tipo de questão das colegas, somente percebia as diferenças entre o mundo dos surdos e o dos ouvintes.

Mas minha vivência vai em outra direção, a vivência que eu valorizo com mais intensidade é aquela sinalizada, que me possibilitou aprender e chegar onde estou. A associação de surdos foi o local onde isso aconteceu, onde eu encontrei pessoas que me ensinaram a ser surdo. E o humor é o que permeou toda esta experiência desde que encontrei outros surdos. O humor é um elemento que perdura na minha vivência com os surdos porque é algo agradável, mostra uma das coisas boas que uma associação de surdos pode proporcionar a seus participantes. A associação dos surdos sempre foi um lugar de socialização, mas nos últimos anos tenho percebido que isso não está acontecendo da mesma maneira. Havia surdos mais idosos que freqüentavam e foi com eles que desenvolvi o gosto por uma sinalização mais espontânea e cheia de alusões e sátiras. Eles são figuras conhecidas dentro

da comunidade surda, mas foram ficando velhos e também nossa maneira de nos relacionar com a associação mudou. Parece que há uma urgência do registro do que está sendo sinalizado pelos surdos agora, talvez para que isso possa ser consultado depois, e evitar a sensação de vazio que eu mesmo senti em momentos da minha vida onde não conseguia me expressar com meus semelhantes.

Como eu disse, as reuniões dos surdos da associação perderam força enquanto um movimento unitário e contestador, característica de nossos tempos pós-modernos, no entanto ganharam força outras dimensões da discussão relativa aos surdos e à língua de sinais, mais visivelmente no âmbito da cultura surda e dos estudos acadêmicos que envolvem os surdos. Trago uma metáfora que considero pertinente. É como um formigueiro, uma formiga sai em busca de alimento para trazer de volta para casa e alimentar as suas semelhantes. Sinto-me como uma espécie de formiga, que saiu em busca de algo e que agora começa a reconhecer os tipos de alimento que são úteis para as formigas. Por que o exemplo de formigas? É que as formigas, apesar de serem insetos pequenos, são muito fortes, sentem o cheiro a distâncias longas, e avisam o que descobriram umas às outras. Assim como elas, nós também não possuíamos formas acessíveis de comunicação devendo nos comunicar sempre no encontro. Mas existem meios de comunicação e registro que nos proporcionam maior mobilidade na sociedade, nós conseguimos trilhar caminhos cada vez mais diversificados. Mas o que nós encontramos neste meio acadêmico, supostamente cheio de alimento para meu povo?

Respondo que nós encontramos alimentos que são o próprio saber, que através dos intérpretes nos são fornecidos. Os intérpretes têm um papel muito importante, sem eles parece que o alimento não tem sabor. Parece igual e sem significado. A partir do momento em que nos tirarem os intérpretes, nós ficaremos sem ter o que fazer na Universidade junto aos ouvintes, ou pior, deixaremos de ser nós mesmos, *surdos*.

Acredito que encontramos meios de expressar aquilo que sentimos, tendo como desafio utilizar meios de registro dessa produção cultural. A diferença em relação aos ouvintes é que estes já têm há muito tempo meios de registrar esta ou aquela maneira de se expressar, de organizar os pensamentos, seja em papel ou outros materiais. Não que a língua de sinais esteja em déficit em relação às línguas orais que optaram pelo registro, mas no meio acadêmico, por exemplo, o registro é um fato incontestável e deve ser respeitado. Os surdos devem fazer uso da sua

segunda língua para que esses registros sejam feitos, mas porque não o fazer na sua primeira língua, a língua de sinais? O humor é apenas um meio que eu encontrei de mostrar o quanto é plural esta vontade dos surdos de se expressar, o quanto o humor surdo pode ser considerado como produção de expressões dentro de contextos específicos, e como o registro motiva novas visões de comunidade e mesmo de língua.

Os surdos idosos que influenciaram meu aprendizado na língua de sinais eram também pessoas politizadas, que lutavam pelos direitos dos surdos, mas que tinham o humor até como estratégia. Lembro das provocações, das piadas, dos jogos em língua de sinais que eles desafiavam os surdos mais jovens, isto tudo fez com que houvesse sempre em mim esta dimensão fortemente presente da satirização e do riso, que as pessoas percebem em minha maneira de me expressar.

De início, fui oralizado, eu me comunicava somente com pessoas próximas, eu estava numa outra cultura, o que os surdos costumam designar simplesmente com o sinal de “ouvinte”. A minha inserção na comunidade surda foi gradual. De início, eu não conseguia reproduzir as piadas, mas já sentia que havia algum problema, já que tudo aquilo envolvia sentidos que eu jamais conseguia experimentar. Falo, portanto, do humor como um tipo fundamental de expressões do que é humano. Não simplesmente a piada e o riso, mas esses dois elementos como decorrentes do “[...] acontecimento fundamental e decisivo para a constituição do sujeito.” (JUSTO, 2006, p. 104).

3 AS TECNOLOGIAS DE REGISTRO DA CULTURA

O *youtube* pode ser uma plataforma para encontrar produções culturais em língua de sinais. No entanto é preciso delimitar esta análise já que este site possui diversas possibilidades de inserção. Eu escolhi fazer uma investigação utilizando os vídeos humorísticos de surdos como artefatos culturais, privilegiando os vídeos produzidos em língua de sinais.

Segundo Burgess e Green (2009, p. 24), o *youtube* pode ser entendido como:

[...] plataforma de distribuição que pode popularizar em muito os produtos da mídia comercial, desafiando o alcance promocional que a mídia de massa está acostumada a monopolizar e, ao mesmo tempo, como plataforma de conteúdos criados por usuários na qual desafios à cultura comercial popular podem surgir.

Os autores ainda destacam, acerca do *youtube*, que a pesquisa deste objeto requer uma escolha entre essas duas realidades contidas no site, no entanto, acredito que para fins de análise cultural, posso tomar a liberdade de escolher as duas possibilidades. O ponto comum entre os vídeos que escolhi foi o fato de serem sinalizados, portanto são produzidos em um espaço visual que pertence aos surdos, mesmo que os sinalizadores sejam ouvintes.

A questão que move o interesse por este objeto é o fato de os surdos não possuírem, até o advento de tecnologias mais elaboradas, um arquivo cultural como os ouvintes construíram ao longo de tantos séculos de registro escrito. Sendo a escrita um registro que está fortemente ligado à oralidade, penso que a comunicação entre os surdos pela internet é algo fundamental para compreender essa necessidade de registro.

Aquilo que os ouvintes tiveram na escrita parece ser o que faltava aos surdos até que houvesse a possibilidade de gravar imagens para expressar enunciados em Língua de Sinais. O tempo escolar e antigamente o tempo clínico, que em minha opinião não estão ultrapassados, são as medidas que o surdo deve internalizar para que se torne efetivamente um cidadão. Acontece que estas medidas entram em conflito com a temporalidade da língua dos surdos, a maioria das vezes se resumindo a um "não" para o qual não há explicação, já que os familiares não dominam a língua, na maioria das vezes. Para os ouvintes é visível a produção de diversos movimentos culturais que, mesmo contra as regras da instituição, mesmo sob os "nãos" da sociedade, invadem a escola e desafiam os professores a lidar

com linguagens de diversas ordens, sendo que o que se encontra é uma gama de manifestações culturais jovens que são criadas nas escolas.

O professor acaba ficando responsáveis por explicar os limites e o porquê de tantos "nãos", já que a família somente, em geral, não dá conta desse papel. Percebo que os ouvintes se reúnem em grupos, chamados de "tribos" para se relacionarem de maneiras diversas em termos de linguagens e gostos. Mas estas reuniões estão quase sempre ligadas à linguagem e suas reconfigurações entre esses grupos.

Entre os surdos parece ser mais complicada esta entrada em um desses grupos, não por limitações de ordem cognitiva ou limitações sociais, mas por falta de endereçamento dos artefatos culturais e por causa da língua. A primeira língua dos surdos é a Libras e a segunda é a língua portuguesa, o que não dificultaria que os surdos utilizassem a rede virtual; eles realmente utilizam, mas em seus próprios círculos de amizades entre surdos. Um círculo que acompanhará seu tempo, de raciocínio, de entendimento, etc. como diz Garbin (2003, p. 124) a respeito da escrita em chats da internet endereçados a jovens:

Tal escrita abreviada, sincopada, com repetição de letras, repetição de palavras, com códigos próprios dos internautas, recheada de *emoticons* que reforçam os sentimentos, não é uma "evolução" das outras escritas, e sim uma outra forma de escrita adaptada às peculiaridades de quem é usuário da Internet: o tempo virtual, a velocidade, e todas as suas principais formas e características.

Os surdos também podem compreender os códigos escritos da internet, mas sofrem a limitação lingüística. Os jovens surdos também se envolvem com artefatos direcionados ao público ouvinte, mas criam outras formas de expressar estes materiais. Um exemplo são os inúmeros vídeos de músicas traduzidas para a língua de sinais.

Penso que a internet vem sendo explorada pelos surdos de maneira a conseguir uma comunicação mais eficaz, mas destaco que o site pesquisado é uma maneira de também produzir e dar significado à cultura, à língua. Como diz Garbin (2003, p. 121): "A mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento, com um discurso que se materializa em novas condições de possibilidades, em novos espaços e em novas formas que ele assume [...]" os surdos fazem uso desta tecnologia não só objetivando a comunicação, mas também visualizando a sua língua e cultura.

O *youtube* não é apenas um site de divulgação de vídeos, mas é também uma rede social. Claro que a maioria dos usuários utiliza o site como um arquivo onde encontra os vídeos que deseja assistir. Porém, "[...] para uma pequena parcela de usuários, o *youtube* é um site de relacionamento social." (BURGESS E GREEN, 2009, p. 86).

Os populares diários da internet conhecidos como *blogs* ganharam a versão em vídeo, os *vlogs*, onde percebo que as produções dos surdos ganharam impulso. Tanto em relação a assuntos políticos quanto a piadas, que são lançadas e depois respondidas por outros usuários, os *vlogs* são uma espécie de centralização da autoria dos vídeos surdos. Um vídeo pode ser postado e comentado por outros usuários, como, por exemplo, o *Deaf Ninja*¹, que ganhou outras versões e também ganhou comentários em vídeo por parte de outros surdos que assistiram ao vídeo.

3.1 O FENÔMENO DO REGISTRO CULTURAL SURDO

Lembro que minha avó contava sobre o rádio e como as notícias eram acompanhadas de maneira atenta por todos. Ela sentava na frente do aparelho e exigia silêncio de todos. Posso imaginar o quanto isso era valoroso já que não havia outro tipo de mídia eletrônica. Com o surgimento da televisão, o fato de haver som e imagem trouxe uma nova relação com a informação, os surdos necessitariam que alguém traduzisse o conteúdo, mas não a imagem, então houve uma certa conquista.

Com o advento da internet a revolução foi quase completa. Primeiro o email (correio eletrônico), depois o ICQ², como ferramenta de comunicação imediata, mas ainda sem imagem para se comunicar. No MSN (*Microsoft Service Network*) houve a possibilidade de transmitir a imagem em tempo real e isso foi positivo. Mas a questão do registro ainda ficava sem lugar para os surdos, o que veio a ser repensado com as câmeras de vídeo portáteis e recentemente com a internet. Especialmente com o *youtube*, que além de registrar imagens também trouxe uma série de mudanças na maneira que os surdos encaram a sua própria cultura e língua.

¹ Deaf Ninja será analisado posteriormente.

² ICQ – a sigla tem como base na pronúncia das letras em inglês (*I Seek You*), em português, "Eu procuro você", porém é popularmente conhecido no Brasil como "i-ce-quê". Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ICQ>> Acesso em: 10 jul. 2010.

Eu mesmo já pensei muito a respeito da produção de artefatos que façam sentido para mim. Por exemplo, penso muito, hoje em dia, na diferença do "ouvi falar" dos ouvintes, e imagino algo semelhante para os surdos, pode ser "vi sinais". Para os ouvintes há muito mais possibilidade de se construir desde cedo um arcabouço de sentidos, de representações, a partir de coisas que se escuta desde criança. Para os surdos isso é muito diferente, já que a produção de *enunciados* em língua de sinais é quase que restrita às comunidades surdas.

Mas o que são enunciados? Enunciados são emissões de sentido de uma língua. Mas o mais importante, mais que os enunciados, as palavras ou os sinais, segundo Possenti (2002, p. 133), são os processos de enunciação, onde os sentidos se expressam; "[...] o conceito de enunciação, [...], permite compreender melhor sua passagem sobre o efeito de sentido. Como efeito de sentido eu posso pensar no que é produzido em mim mesmo, como surdo, ao ver que há a possibilidade de acessar materiais diversos em um site.

3.2 APRENDER A SER SURDO: formas de enviar e receber enunciados

O *youtube* é uma empresa. Objetiva o lucro e a concorrência. Está ligado a grandes produtoras, canais de televisão e gravadoras. Para os ouvintes, junto ao consumo dos produtos de várias empresas, está a nostalgia que sentem em relação a artefatos culturais conhecidos no passado, mas que o grande público já esqueceu. Entretanto, o *youtube*, quando explorado nas produções de uma comunidade cultural como a dos surdos, produz uma maneira de ver e perceber as coisas diferente do que se percebia no passado, quando a televisão não oferecia conteúdos relativos aos surdos. Os surdos se sentiam, de certa forma, excluídos dessas produções, mas agora vemos crescer as produções dos surdos na internet. Apesar de o *youtube* ser uma empresa que visa lucro, acredito que seja importante que os surdos se apropriarem dessa forma de comunicação, assim eles terão mais oportunidades de se interar e registrar suas narrativas.

Como é a produção cultural dos surdos depois do *youtube*? Primeiramente não se trata de uma produção cultural linear; não é como antigamente que eu aprendia a língua de sinais com os surdos idosos da Associação. Também não é um conteúdo específico a ser aprendido, e ainda não é uma produção idealizada pelas grandes corporações da mídia para distribuir uma cultura surda mais popularizada e

vendável. Diferente dos movimentos surdos que vivenciei há alguns anos, parece que uma grande quantidade de informações têm se colocado aos surdos e feito com que novas formas de entrar em contato com a cultura possam surgir.

Em termos de memórias dos surdos, como um registro sem materialidade, utilizando apenas imagens que se passavam em narrativas internas às comunidades, pode-se fazer uma comparação. Antes nós tínhamos objetivos aparentemente claros: o clube, a reforma da associação, a verba para a viagem. Agora parece que os objetivos estão mais difusos e não há um conteúdo apenas para ser pensado. São muitas variáveis incluídas que parecem não caber numa análise. É que as informações são em grande número e precisam ser compactadas para que, entre outros enunciados, seja de clara compreensão.

Lévy (1999, p. 53) demonstra “[...] as formas contemporâneas de desmaterialização dos enunciados, que significam o mesmo que escrita e imagem sendo virtualizadas”. As informações virtualizadas são mais fáceis de misturar umas às outras, pois são mais fáceis de modificar, editar, incluir coisas, compartilhar, etc.

O pensamento tradicional era aliado do sujeito como autor e detentor do sentido de um texto, mas com as novas tecnologias de registro se percebe uma mudança de perspectiva. Já não há uma determinação unilateral que parta do sujeito e caminhe no sentido de determinar um objeto de maneira absoluta. As *tecnologias intelectuais* mudam as formas de conhecer e comunicar enquanto “[...] podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.” (LÉVY, 1999, p. 53).

Os surdos têm ocupado a internet desde o seu aparecimento, no início dos anos 90. Desde pequenos fóruns, salas de bate papo, documentações históricas da vida passada das comunidades surdas, até hoje em dia, onde quase a totalidade dos programas disponíveis é utilizada pelos surdos. O *youtube* é um programa muito atualizado, e que tem a peculiaridade de as produções dos surdos estarem misturadas, na rede, com as produções dos ouvintes. Por exemplo, se um vídeo em ASL ou LIBRAS for muito assistido, aparecerá na página inicial do site. Isto significa que também os ouvintes estarão assistindo as produções dos surdos e vice-versa. Por exemplo, o vídeo "*Deaf Ninja*" de um rapaz CODA³ que foi muitíssimo assistido por surdos e ouvintes. (Ver o vídeo em DVD anexo).

³ CODA: sigla da língua inglesa para *Children of Deaf Adults* (Filhos de adultos surdos) e designa os filhos ouvintes de pais surdos.

O vídeo do “*Deaf Ninja*” chega perto das 700.000 exibições no site *youtube* (em junho de 2009). O sucesso foi tanto que o criador, Austin Andrews, além de registrar a história como propriedade artística também lançou uma segunda versão do vídeo⁴. A princípio eu mesmo pensei se tratar de um surdo, mas depois de meu intérprete ter traduzido alguns comentários sobre o vídeo eu descobri se tratar de um ouvinte.

A reação frente a isso é confusa, pois ao mesmo tempo em que gostei do vídeo e achei que Andrews conseguiu criar uma história muito interessante e bem executada, também há o fato de se tratar de um ouvinte, que para mim é algo surpreendente.

⁴ Cf. Austin Andrews – “*Deaf Ninja*” postado em fevereiro de 2007. Disponível em: <<http://youtube.com/watch?v=L91KVUXRBq8>>. O vídeo de *Deaf Ninja* será analisado no capítulo 4 desta dissertação.

4 HUMOR SURDO NA REDE

Este capítulo tem o propósito de apresentar as análises acerca do material de pesquisa coletado. Os vídeos foram organizados em categorias que julguei mais adequadas para a análise conforme as mensagens e o humor que os vídeos transmitem. A partir dessas categorizações, os vídeos serão comentados um a um, tentando fazer conexões com os outros materiais coletados, com práticas da comunidade surda que observo (através de surdos com os quais tenho contato), também, em contato com autores que dão visões, por vezes distintas, da língua, da comunidade e da experiência. Busco formar uma rede de idéias para dar uma visão mais e isto não clara acerca da comunidade e cultura surda humorística.

Para analisar os vídeos foi necessário descrever sobre quais aspectos observar, quais temáticas os vídeos contêm, que forma de expressão está sendo utilizada, qual a origem do vídeo. Não utilizo tradução das piadas, somente descrições de aspectos que estão relacionados à temática e a expressividade da língua. A pesquisa quer exaltar a importância da visualidade e por isso não vejo lugar para a tradução dos vídeos. Deste modo, anexei o material de análise a fim de que os leitores possam olhar a produção desse humor diretamente em sinais.

Os materiais coletados são colocados numa perspectiva de valor cultural para os surdos, poderia ser descrito senão por diversas formas de valorização: número de acessos aos vídeos, se este foi produzido por particulares ou por uma instituição, se é próprio de um grupo de artistas surdos e o quanto os surdos têm de participação na produção de tais peças. Se formos pensar a respeito do valor cultural que uma peça artística tem para uma determinada comunidade, precisamos pensar o quanto esta comunidade está envolvida com esta produção. A princípio eu me questioneei, por exemplo, se vídeos que têm ouvintes sinalizadores como destaque seria uma produção da comunidade surda, mas depois eu desfiz minhas dúvidas, pelos motivos que irei demonstrar a seguir. Este tipo de dúvida acerca do valor ou não de um vídeo de um ouvinte sinalizador foi sendo problematizada ao longo de minha caminhada, já que percebi que para avaliar algum artefato eu não poderia me ater à condição auditiva do sinalizador, mas aos elementos que ele está trazendo da língua que os surdos utilizam que visões da experiência dos surdos e da língua de sinais estão promovendo. É necessário analisar o artefato enquanto artefato, quer dizer, como tendo valor para a comunidade enquanto obra que

representa um modo de ser surdo.

Em relação à autoria dos vídeos, preferi fazer referência primeiramente ao perfil do *youtube* (conhecido também como *profile*) onde os vídeos se encontram postados. Só farei referência à autoria do texto ou do roteiro quando houver explicitamente, no material gravado, as informações que dêem crédito a um grupo ou pessoa.

4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

4.1.1 Comunidade Surda e Pertencimento Cultural: os sinalizadores ouvintes

Esta categoria traz uma discussão bastante animada e com muitas divergências nas comunidades surdas. A questão é: os ouvintes que dominam a língua de sinais fazem parte da comunidade surda? Existem diversas respostas para esta questão e a mais comum entre os surdos é que os intérpretes e demais pessoas que dominam a língua de sinais não fariam exatamente parte da comunidade surda. O que acontece é que os surdos muitas vezes julgam que os ouvintes têm a opção de estar ou não participando da comunidade surda, diferente dos próprios surdos que seriam dependentes da comunidade surda se quiserem ter uma vida social mais ampla. Outro caso seriam os ouvintes filhos de pais surdos (CODA⁵), que são na maioria das vezes considerados como integrantes da comunidade surda, pois adquirem a língua de sinais com os seus pais e são considerados como membros da comunidade surda em função do pertencimento cultural e do compartilhar a língua de sinais.

No que diz respeito à minha pesquisa, foram muitas as situações em que me deparei com atores dos vídeos que a princípio acreditei serem surdos, mas depois de um pouco mais de pesquisa vi que estes eram ouvintes intérpretes, CODA's, professores, que haviam aprendido a língua e a cultura e, portanto capazes de "se passar" por surdos. A partir disso, posso dizer que pensei sobre muitos critérios que os surdos utilizam e chego a uma conclusão (pelo menos parcial) a respeito dessa questão. Neste trabalho, eu me envolvi com produções artísticas divulgadas em um meio virtual, então passei a perceber como os funcionamentos da circulação cultural

⁵ Sigla que refere filhos de pais surdos (Children of Deaf Adults).

devem ser analisados de maneiras diferentes. Hoje não posso dizer que estou convencido de que os ouvintes que dominam a Libras são integrantes da comunidade surda, mas posso dizer que existem diferentes funcionamentos para que alguém possa se tornar um integrante dessa comunidade.

São funcionamentos diferentes para meios distintos. O movimento surdo com suas lutas, necessidades, convergências ou divergências políticas não excluem outros tipos de funcionamentos, sendo impossível em alguns meios distinguir quem é ou não participante ou um "sócio" da comunidade dos surdos. Um ponto é evidente: não basta ser surdo para pertencer a uma comunidade surda. Há outros aspectos que contribuem para esse pertencimento cultural, por exemplo, a convergência de aspectos lingüísticos (compartilhar uma língua), políticos e sociais, entre outras possibilidades.

No livro "*A Journey into the Deaf World*" (LANE; HOFFMEISTER E BAHAN, 1996), os autores contam uma situação onde uma repórter ouvinte fica abismada com o fato de um surdo preferir a companhia de surdos ao invés de ouvintes; no entanto, o surdo esclarece que há razões para tal: existem questões culturais, pragmáticas e também históricas para que os surdos prefiram a sua comunidade composta por pessoas surdas. Entretanto, eu percebo o quanto o sentido de comunidade deve ser explorado para que os vídeos possam ser compreendidos desde um foco mais abrangente que não reduza a comunidade à indivíduos rotulados.

Animais vivem muitas vezes em territórios próximos e algumas vezes dividem o mesmo território, porém as formas de comunicação são diversas e os meios são construídos de maneira diferente. Observei há algum tempo atrás, viajando com minha esposa, um grupo de pássaros parados nos fios de eletricidade: havia um grupo de pássaros coloridos e um pássaro escuro sozinho, mais afastado. Não digo que não se possa integrar as pessoas, mas as funções com o meio são diversas, e isso deve ser respeitado. Temos coisas da comunidade que não queremos dividir com pessoas ouvintes, e isso não significa que não queiramos conviver, apenas que convivemos com funções, momentos e valorações diferentes.

Acredito que há como pensar os grupos surdos um pouco como os guetos; no entanto são guetos que se diferenciam por seus integrantes não possuírem marcas exatamente visíveis de sua diferença a não ser sua língua. O gueto surdo perde sua consistência quando pensado do ponto de vista duma comunidade virtual, onde o

lugar pouco importa, e sim a lealdade de seus membros em utilizar a língua de sinais e freqüentar o ambiente virtual. Procuro ver os sentidos de comunidade não como um excluindo o outro, mas um emaranhado, produzindo sentidos que se cruzam em pontos de apoio, tais como a experiência visual e o uso da língua de sinais. Conforme Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 91):

A impossibilidade da tradução do **ser surdo** é a impossibilidade da tradução universal da identidade surda. Na há uma essência surda, mas há organizações e invenções surdas. Lutar pelo reconhecimento da diferença surda é lutar contra a noção de essência, pois na essência esconde-se aquilo que não podemos manipular, modificar e construir. Acreditar e lutar por uma essência estão na contramão de lutar pela diferença cultural, neste caso, pela diferença cultural surda, que necessita proporcionar condições materiais para a sua existência. Portanto, alguns dos marcadores como lutar pela vida em comunidade, a língua de sinais, são invenções surdas pela manutenção de sua própria existência.

Como Bauman (2003), acredito que a busca por lugar não é mais desejável nem mesmo plausível nos dias de hoje. O lugar desapareceu, a segurança se dá ironicamente em um meio não seguro, onde nada se segura. A *internet* é meio virtual que se torna fonte de conhecimento da comunidade e da língua surda. Que engraçado! Hoje em dia buscamos segurança no meio mais inseguro possível.

O primeiro vídeo que analiso é “*Best Interpreter in the World*”⁶ (O melhor intérprete do mundo), em que o artista americano usa a Língua de Sinais Americana (ASL) para contar uma história de humor. O vídeo é executado por um CODA que tem uma sinalização muito expressiva e ágil. Conta a história de um intérprete muito bom, profissional e que não se cansa nunca, que parece enfeitiçar os que estão assistindo sua interpretação. O CODA consegue segurar o espectador até o final do vídeo quando revela, de modo surpreendente, mostrando uma foto, que se trata de uma estátua de um deus hinduísta que faz um sinal manual, que em ASL significa “intérprete”.

Percebo que este CODA tem uma sinalização muito detalhada; suponho que esse aprendizado seja por sua convivência com surdos, sejam familiares ou amigos. Sua cultura é também visual, pois é capaz de usar a língua de sinais com efeito humorístico. A cultura visual dos surdos é marcada por essa intertextualidade, ou seja, a capacidade de transformar textos e imagens em outros textos e em outras

⁶ Vídeo: “*Best Interpreter in the World*”⁶: (O melhor intérprete do mundo). Duração: 3’19. País: Estados Unidos (ASL). *Profile* no *youtube*: ewitteborg. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5pVA8-wvSwM>>.

imagens, executando em língua de sinais uma espécie de mixagem das experiências da visão. Quando o rapaz do vídeo mostrou a fotografia, provocou um efeito de humor, através de uma história que aproxima uma mesma forma (sinal manual) a um significado totalmente diferente nos contextos da estátua fotografada e nos contextos de uso da língua de sinais americana, com o sinal de "intérprete".

Ao dividir com milhares de usuários da internet essa história humorística, a partir de uma fotografia. O CODA não está somente mostrando uma piada em língua de sinais, mas está fazendo algo que eu vejo como uma síntese de imagens, estabelecendo relações entre imagens e textos para criar uma mistura de experiências visuais. Na cultura contemporânea, podemos ver estas imagens como o cerne da construção imagética. É como se o sinalizador colocasse esta imagem "dentro" da cultura visual dos surdos para aí fazer outra coisa, distorcer, re-criando a imagem com um significado novo.

O segundo vídeo que analiso é "*Deaf Ninja*" (Ninja Surdo)⁷. Esse é o vídeo do intérprete Austin Andrews que foi assistido por milhares de pessoas. É a história metaforizada de um surdo que se vê em situação de fazer ou não o implante coclear, sentindo a pressão da sociedade e do mundo sonoro e, por outro lado, dos surdos e da cultura visual. Impressiona a maneira como esse CODA desenvolve uma história criativa e com qualidade poética em ASL. A idéia principal do vídeo é a questão do surdo que utiliza amplificadores de audição e seu conflito com a cultura surda, centrada metaforicamente da figura do Ninja Surdo.

Este intérprete é de uma família surda, trabalha como *performer* e formador de intérpretes. Em palestra (Disponível em: <www.awtiproduction.com>) ele explica para um público surdo o que significa uma sinalização cinematográfica dizendo se trata de uma movimentação corporal que alguma peça artística produz em nós. Ele exemplifica dizendo que um livro pode nos levar a sentir sabores, cheiros, imaginar paisagens com realismo. Com isto ele não parece estar dizendo algo exatamente novo, mas formaliza algo que os surdos executam em suas histórias e também em suas piadas.⁸

⁷ Vídeo: Deaf Ninja (Ninja Surdo). País: Estados Unidos (ASL). Duração: '53". Nome do *profile* no *youtube*: Awti 5 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?>>

⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=K6GmJ3ZvjQE>>.

⁸ As sinalizações "cinematográficas" ganharam notoriedade a partir deste vídeo de 2007 por sua qualidade e seu texto bem articulado. O próprio Austin Andrews intérprete de ASL que compôs e atuou no vídeo, chama esse tipo de sinalização de *cinemática* por seus diversos recursos de

Este vídeo ajuda a produzir outra visão sobre a língua de sinais, que é a possibilidade de criação artística sinalizada. A ampla recepção que este vídeo teve entre surdos e ouvintes confere às línguas de sinais um status que talvez fosse antes despercebido que é seu potencial de criação e não somente de comunicação, até porque grande parte das pessoas que assistiram ao vídeo não são fluentes em língua de sinais.

O que me fez refletir acerca desse vídeo foi o fato de o intérprete não se identificar como surdo ou ouvinte. Ele sinalizou diretamente a história do personagem ninja, sem explicações adicionais. Em princípio, eu não soube dizer se ele é surdo ou não, muito tempo depois é que fui descobrir que ele é ouvinte. Talvez isto não seja ruim nem bom, mas acredito agora que os vídeos podem ser vistos enquanto experiências da língua, que podem ou não expressar coisas diferentes para a comunidade surda, mas que de alguma forma estão proporcionando representações dos surdos e da língua de sinais em suas histórias humorísticas. Um pouco como a experiência, quando Larrosa (2002, p. 20) diz “O que vou fazer é, simplesmente, explorar algumas palavras e tratar de compartilhá-las [...]”, em que estes vídeos são pesquisados somente enquanto fenômenos da palavra, dos sinais como palavra, sem se questionar sobre as condições auditivas dos sinalizadores. E ainda:

E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também que as palavras fazem coisas conosco. (LARROSA, 2002, p. 20-21).

O terceiro vídeo analisado foi CODA Brothers (irmãos CODA)⁹. Eles são dois filhos de pais surdos que possuem um *vlog* muito acessado entre os surdos. Os vídeos são sempre uma conversa entre esses irmãos e também entre os espectadores. Destaco nesse trabalho outra possibilidade, ou seja, outro tipo de relação com a língua de sinais. Os dois são ouvintes e mesmo assim se comunicam em língua de sinais.

movimentos junto ao sentido, mas eu prefiro chamar de cinematográfico por se perceber que existem recursos de *zoom*, *slow motion* e detalhes diversos que dão dinamismo à composição.

⁹ Vídeo: CODA Brothers⁹, País: Estados Unidos (ASL) Duração: 3'50". Nome no profile do youtube: Olsonterp.

Como os vídeos disponíveis da série CODA *Brothers* são muitos, resolvi escolher apenas um deles para comentar. Nesse vídeo que selecionei, chamado “*Wine and Cheese*” (Queijo e Vinho), eles dão uma introdução sobre o fato de alguns surdos estarem optando pelo implante coclear e que por isso eles resolveram fazer o vídeo “CODA Implant”. A narrativa mostra que os dois colam na cabeça uma peça redonda plástica, indicando que se trata de implantes que os deixariam surdos. Assim, ao se tornarem surdos, não receberiam críticas de surdos mais radicais pelo fato de estarem fazendo um trabalho em língua de sinais. Neste vídeo, os dois discutem sobre sinais de queijos e vinhos, para que sejam criados sinais para facilitar o entendimento sobre esse assunto e enriquecer o vocabulário. Eles contam no *vlog*, como de costume, histórias interessantes sobre suas vidas junto aos familiares e amigos surdos. Contam que, uma vez, uma amiga surda de seus pais estava chamando um de seus filhos, que se chamava “*chet*”, mas ele entendeu que ela estava gritando “*shit*” (merda), o que provocou embaraço nos ouvintes.

Os irmãos são engraçados, provocam o riso, têm uma sinalização muito fluente e procuram trazer novidades para os surdos e prestam um serviço aos surdos. Diria que ao assistir esses irmãos, percebo também a experiência de ouvintes com surdos, no sentido de Larrosa (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”

O quarto vídeo analisado foi *Deaf Ninja VS Transformers*¹⁰. No segundo episódio do *Deaf Ninja*, a saga da cultura surda versus oralismo continua. Desta vez, o duelo se dá em uma ponte cheia de civis dirigindo seus carros, que ficam estupefatos com o duelo. O *transformer* é um jato que se transforma em um robô e luta contra o *Deaf Ninja*. Talvez nesse vídeo o sinalizador tenha se voltado de maneira não tão metafórica à questão dos surdos e sua cultura, devido ao fato de o primeiro vídeo ter sido bastante divulgado. Agora fica muito mais claro que se trata de uma questão de conflito cultural.

Por se tratar de um ouvinte, por mais que seja um filho de pais surdos, Andrews parece apresentar explicações ou dar continuidade ao primeiro vídeo. A projeção do vídeo anterior acaba repercutindo com maior ênfase na comunidade surda, o intérprete acaba dando “explicações”, por mais subjetivas que possam ser,

¹⁰ *Deaf Ninja VS Transformers* (Ninja Surdo VS Transformers). País: Estados Unidos (ASL). Duração: 4'12". Nome no profile do youtube: Awti. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=K6GmJ3ZvjQE>>.

neste segundo vídeo. No site da produtora de Andrews há os dois vídeos, além de um trecho de uma palestra em que ele explica as questões que cercam a produção de *Deaf Ninja*. Nessa palestra ele esclarece os recursos visuais que utiliza na sinalização. Penso que esses recursos fazem com que a sinalização a se torne específica da experiência visual dos surdos e, por isso, acredito ser difícil transcrever esta peça para o português. Não consigo pensar exatamente em tradução quando assisto a estes vídeos, mas algo muito específico da experiência visual surda.

A literatura é algo importante, mas precisamos pensar que para os surdos a prática da leitura é acompanhada da tradução constante das palavras. Por isso a poética da língua de sinais é muito visível quando o surdo está sinalizando, mas não tanto quando está escrevendo. Seria um tipo de literatura sem o peso histórico do sentido que entendemos a literatura dos ouvintes, pois os surdos não têm uma produção literária há milênios, em sinais, que passa de geração a geração.

4.1.2 A Expressividade no Humor: metáforas, expressões faciais e corporais

Para os surdos a metáfora significa pensar de maneira visual algo que na língua oral ou escrita parece ser obscuro. É uma construção que me parece ser mais clara porque dá ao surdo uma noção que pode ser tanto linguística quanto artística a respeito de algo. Não seria, portanto, uma comparação, pois comparação se faz equivalência das características de dois objetos. Nas metáforas surdas que analiso, uma imagem pode servir para compreender algo de modo visual. Os surdos as utilizam muito, pois nas conversas elas estão diluídas entre narrações e argumentações, dando o teor de visibilidade àquilo que para os surdos possa parecer abstrato.

Os surdos muitas vezes não entendem as metáforas utilizadas pelos ouvintes, por isto suas metáforas são mais específicas. O sentido é passado completamente pela imagem e depende da bagagem e do conhecimento lingüísticos de cada um para que compreendam as metáforas e as entendam. Uma metáfora é substituída por outra para que a frase se torne mais leve, mais poética, num sentido de comparação entre o que se quer dizer e o que se diz efetivamente. Para os surdos, a metáfora é mais que uma figura de linguagem, consistindo em uma maneira de expressar o pensamento, através de imagens que carregam sentidos.

O sentido da metáfora é uma alusão a duas ou mais coisas exteriores ao nome, cujos elementos podem ajudar na compreensão de algo. Por exemplo, “Esse moço é um gato”, retira elementos de dois seres distintos para expressar uma sensação a respeito de uma pessoa.

Em um grupo de estudos, por exemplo, os surdos solicitam a ajuda dos ouvintes para compreender o significado de alguma metáfora, então os ouvintes, mesmo que limitados na língua de sinais, tentam mostrar visualmente o que significa a metáfora. Os surdos conseguem captar o sentido, pois sua língua é visual, têm os recursos para captar os movimentos e entendê-los adequadamente em sua língua.

As emoções, as sensações mais abstratas, tudo aquilo que não se dá facilmente ao entendimento pode ser exteriorizado através das metáforas, através de substituições que tornam o nosso conhecimento *indireto*, como se não tivéssemos acesso exatamente ao conteúdo do que pensamos, mas inventamos objetos que possam explicar aquilo que se passa em nossa cabeça. Conforme Pereira (2007, p. 55):

O entendimento indireto toma lugar quando construímos os sentidos mais abstratos de nossa experiência os quais não podem ser compreendidos em seus próprios termos, tais como emoções e atividades mentais e, por esta razão recorrem a outros domínios mais concretos.

As expressões faciais e corporais desempenham também funções lingüísticas nas línguas de sinais. Em muitos vídeos é possível perceber a utilização de muitas dessas expressões que acabam tendo um efeito estético ou desempenhando uma função diferente daquela linguagem utilizada no cotidiano.

Nesta categoria de análise, o primeiro vídeo que analisei foi “*My Speech is Very Clear*” (Minha fala é muito clara)¹¹. A primeira vez que eu assisti a este vídeo eu não entendi muito bem o que significava aquela imagem distorcida focando na boca aumentada. Depois eu compreendi que esta é uma crítica ao oralismo, e sua centralidade na fala. É uma maneira de mostrar o império do oralismo, ao qual os surdos ainda estão submetidos. Apesar de haver a produção de alguns sinais, eles acompanham a fala. Os sinais são para reforçar a mensagem que está na língua

¹¹ “*My Speech is Very Clear*” (Minha fala é muito clara). País: Estados Unidos (ASL). Duração: 2’13”. Nome do profile no youtube: Wanye. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Xh-5H6DZxHQ>>.

falada. De um certo modo, esse vídeo também relaciona a algumas práticas que chamamos de Comunicação Total, Português Sinalizado ou Comunicação Bimodal.

Esse vídeo enfoca um elemento corporal (boca) para fazer referência a uma história e maneiras de conceber o corpo do surdo. Querendo dar visibilidade à boca pronunciando as palavras, o sinalizador pretende mostrar que os sinais ficam apagados quando se dá importância à oralização. No vídeo foi utilizado um efeito para deixar a boca enorme, o que torna o vídeo divertido e, ao mesmo tempo, um pouco exagerado. O conteúdo da fala do sinalizador e oralizador é um recado para a escola Clarke, que é uma famosa escola oralista dos Estados Unidos que proíbe o uso da língua de sinais. Neste sentido, há também a presença de um posicionamento político em relação ao uso da fala, uma crítica à predominância do movimento exagerado da boca que subjuga o uso dos sinais.

Um outro vídeo analisado foi “*Four Deaf Yorkshiremen*”¹² (Quatro Surdos *Yorkshiremen*), em que quatro surdos idosos contam sobre suas infâncias e como passaram por dificuldades, através de uma trova entre eles. Na trova, a aposta consiste em contar uma história que impressione. Um deles aposta que sua história é mais triste de todas. Os outros vão contando suas experiências com pobreza e privações na infância, porém todos falavam em famílias surdas com sinalizadores. O último conta a história mais triste: sua família era ouvinte e não sabia sinalizar, então ganha a aposta. Este vídeo tem uma mensagem política por mostrar a importância do aprendizado da língua de sinais na infância, tanto pelo surdo quanto pelos seus familiares. Mostra uma prática comum entre os surdos que é disputa de quem é mais criativo na história, que aqui eu convenciono chamar de “trova”.

Os quatro estão tratando de uma questão de representação de uma maneira engraçada, já que o fato de ter uma família ouvinte que não sabia sinalizar é considerado a pior história. Os surdos consideram a comunicação algo primordial na sua vida, assim como todas as pessoas, mas o diferencial é que os surdos que têm família ouvinte (a maioria dos surdos tem família ouvinte) podem sentir estrangeiros em suas próprias casas. Um surdo que já tenha construído sua identidade surda pode sentir excluído das conversas familiares e muitas vezes preferir a companhia de amigos surdos do que dos próprios pais ou irmãos ouvintes.

¹²“*Four Deaf Yorkshiremen*” (Quatro Surdos Yorkshiremen). País: Reino Unido (BSL). Duração: 9’59”. Vídeo com legenda em Inglês. Nome do *profile* no *youtube*: Charlie. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2upAsFzO9AU>>

O terceiro vídeo analisado nesta categoria foi Bolinha de Ping-pong¹³. Antes de começar a narrar a história, Rimar explica que se trata de uma metáfora que mostra um pouco a vida dos surdos. Essa é uma narrativa que tem como idéia central as disputas dentro da comunidade surda ou disputas entre as pessoas, supondo que seria importante ter alguma mediação entre os seus integrantes. Rimar não dá explicação alguma em relação ao significado da metáfora. Trata-se de uma partida de ping-pong que começa a se tornar repetitiva. Os dois competidores e a torcida chegam à exaustão. Todos estão completamente cansados com aquele vai-e-vem, com aquela jogada. Todos acompanham a bolinha durante certo tempo e no final o juiz decide pegar a bolinha e somente olha para os atletas e o vídeo acaba.

Esta metáfora me parece uma das que mais evidencia a disputa, a rivalidade entre as pessoas, sejam elas surdas-surdas, surdas-ouvintes, ouvintes-ouvintes. É uma narrativa que não traz uma resposta exata, mas antes de tudo passa a idéia de que algo deve ser feito para que o jogo possa continuar de maneira adequada. O que fica em aberto é exatamente o conteúdo da metáfora, que pode até ter tido origem em uma situação específica de conflito entre surdos, no entanto o que fica mais evidente para mim é o teor de reflexão.

Um jogo como o de ping-pong pode ser comparado com uma discussão, tendo o juiz como mediador que alerta as pessoas para que estas reflitam melhor sobre o procedimento da discussão, o público que assiste pode ser comparado com a comunidade que observa e discute o que está vendo. O que percebo é a *incorporação* de uma maneira de viver, utilizando elementos concretos, o que revela na sinalização o conteúdo a ser expresso. Ele também mostra uma maneira artística de sinalizar, criando um estilo de expressão que pode ser incorporado por outras pessoas que utilizem a língua de sinais. A expressividade ocorre na expressão facial e também corporal. O movimento da bolinha de ping-pong é incorporado ao à expressão corporal e os olhos acompanham esse movimento. Por vezes, através da língua de sinais, há referência também à reação da platéia, que se cansa de assistir a essa competição, sem vencedores ou perdedores.

¹³ Bolinha de Ping-pong. País: Brasil (Libras). Duração: 3`39". Nome no profile do youtube: Rimar01 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqljo>>.

4.1.3 Piadas: estereótipos em sinais

As piadas podem ser consideradas uma maneira de interpretar as coisas. Um humorista tem grande agilidade em associar idéias e dar respostas de maneira imediata. Contar piadas é uma maneira de se relacionar com a linguagem e os fatos, não são todas as pessoas que têm facilidade para contar uma piada, isto depende de como a pessoa consegue relacionar o tempo e as palavras. Eu tive muita influência da minha família para aprender a contar piadas, depois de alguns anos, na escola, percebi que o tempo mudava conforme o lugar onde eu estava. Quando comecei a conviver com os surdos, eu vi que a maneira de organizar o discurso era totalmente diferente.

A questão do tempo e da sincronicidade é muito importante para que a piada seja bem contada. O contador deve estar atento às reações dos ouvintes, seus olhares, comentários, etc. No caso das piadas que são filmadas, me parece ser ainda mais difícil de obter o resultado esperado, já que não há resposta imediata das pessoas que irão assistir.

Resolvi categorizar alguns dos vídeos como piadas levando em conta que o sinalizador não está somente contando uma história engraçada, como o fez Austin Andrews no *“Deaf Ninja”*, mas também está usando uma forma da sinalização que é trabalhada para fins de fazer rir. Os surdos geralmente experimentam se suas piadas irão funcionar com os outros surdos, em reuniões, nas associações, e depois divulgam esses trabalhos.

O riso é um fenômeno interessante entre os surdos, ocorre geralmente no encontro, em comunidade, na situação onde os surdos estão explorando sua língua e seus traços identitários. Esta situação de encontro é a própria construção da identidade e afirmação da cultura, eu a vejo como uma situação de sociabilidade que está repleta de traços humorísticos. Segundo Justo (2006, p. 110) a “[...] necessidade social e psíquica do humor é tão grande que encontramos, com facilidade, pessoas e certos círculos sociais fortemente impregnados por esta linguagem.” A falta de comunicação com os familiares e colegas de trabalho ouvintes parece fazer com que os surdos tenham certo anseio pela comunicação com seus pares, e quando isto ocorre, o prazer do humor parece ser a via mais agradável para os sujeitos.

Não é por acaso que o humor aparece com mais frequência nos espaços de socialidade, ou que quando ele irrompe nas relações sociais convencionais impõe um corte, normalmente colocando à deriva a interação padronizada pelo instituído. (JUSTO, 2006, p. 122).

Aqui o autor utiliza a palavra socialidade como um laço social que vai além do instituído no cotidiano, inclusive quebrando ou estabilizando suas normas. Entre os surdos eu percebo a necessidade deste rompimento já que a maioria dos surdos vive entre pessoas que não conhece sua língua, e mesmo nos momentos de descontração em um ambiente de trabalho, é possível que os surdos fiquem excluídos destes processos de irrompimento da linguagem humorística, por isto a piada em língua de sinais tem um teor de socialização tão acentuado.

Nesta categoria de análise, o primeiro vídeo analisado foi “Disputa dos Lutadores”¹⁴. A narrativa apresenta três lutadores de diferentes países que são convocados por um mestre para uma disputa. Os três devem mostrar sua habilidade para ganhar o prêmio. Uma mosca será solta e cada um irá acertá-la da maneira que suas habilidades permitirem. O primeiro é um lutador inglês que tem uma espada pesada, parecida com uma espada medieval, que golpeia a mosca e ela se parte em duas. O segundo é um lutador francês e com uma espada de esgrima retalha a mosca em muitos pedaços. O terceiro é um brasileiro que não porta nenhuma arma, que apenas dá um golpe de capoeira na mosca. O inseto sai voando em círculos e o mestre observa que a mosca não foi morta, por isto o brasileiro está desclassificado. Este saca uma lupa do bolso e chama o mestre para olhar. A mosca está girando e gritando de dor por ter sido golpeada na genitália.

Esta piada mostra uma marca estereotipada do brasileiro, que consiste em criar personagens de países diferentes para disputas onde geralmente quem ganha é o mais “esperto”, mas não por suas competências, o tom é sempre de uma malandragem do brasileiro que mostra um talento que antes havia sido desconsiderado. Para Possenti (2002, p. 157) “Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da identidade – estereotipada, vale repetir.”

O segundo vídeo analisado nesta categoria foi “Cabelo Bíblico”¹⁵, em que um garoto tem cabelos compridos e rejeita os conselhos do pai para cortar o cabelo. Depois, com o passar dos anos, vai deixando o cabelo crescer mais e mais. Quando

¹⁴ “Disputa dos Lutadores”. Duração: 4’44”. Data:26/10/07. Brasil (Libras). Nome no *profile* do *youtube*: BettoSinalizante. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xID9VJ67_lo>.

¹⁵ “Cabelo Bíblico”. País: Brasil (Libras). Duração: 3’12”. Nome no *profile* do *youtube*: Betto Sinalizante. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qRyTMrrPyfM>>.

o pai lhe fala para que corte o cabelo, ele responde: “Jesus não tinha cabelo comprido? Então eu também posso”. O garoto completa 18 anos e tira a carteira de habilitação. Quando ele vai pedir carro emprestado para o pai, este o manda ir caminhando, assim como fazia Jesus.

Esta piada retoma discussões que são freqüentes entre pais e filhos. Talvez a maior característica desta piada seja a oposição de dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo/negativo (sim/não), jovem/velho, inteligente/tolo... e que se desdobra em filho rebelde/ pai experiente, etc. Assim, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo, um estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “esperto” (valente, moderno...), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerando uma certa experiência cultural. Na piada em questão, o estereótipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço “tolo, babaca, dependente...”.

O terceiro vídeo analisado foi Chopp, que apresenta uma história humorística que deixa um suspense até o último minuto. O sinalizador conta uma história de maneira séria e só na última frase é que se entende toda a sinalização anterior. Trata-se de um sujeito que está sem dinheiro para tomar chopp e observa que um homem está sentado com o copo na frente, sem beber, apenas observando. O sujeito dá uma de esperto e resolve tomar o chopp do homem. É quando este lhe explica que tudo vem dando errado em sua vida, por isto havia colocado veneno na bebida, pois pretendia se matar.

Novamente, na piada intitulada Chopp, percebemos a presença de estereótipos opostos no texto, ou seja, o “espertinho se deu mal”. Cito Possenti (2002, p. 185):

Aceitando que também as piadas precisam estar num discurso para serem piadas, fica inclusive fortalecida a hipótese de que as piadas não produzem discursos novos – eventualmente, nova é a forma, novo é o gênero, mas não o discurso.

O vídeo “Libras: Surdo do Brasil... O dia de domingo...” é uma piada que conta um dia de domingo de um homem que divulga o trabalho de sua igreja indo, de porta em porta, tentar atrair fiéis. Bate na primeira casa, um bêbado atende e não o convida a entrar, bate na segunda e as pessoas estão de ressaca e não mostram interesse em sua mensagem. Finalmente, na terceira tentativa, bate em uma casa

muito bonita, uma mansão. Quando abrem a porta ele sai correndo: era a casa do papa! O homem, então, resolve se juntar ao bando de bêbados!

Essa é uma piada que reforça um provérbio conhecido, do tipo “o *espertinho quis ensinar o papa a rezar missa*” e um outro muito conhecido “*não dá para ir contra a maré*”. Essa é mais uma piada que opera fortemente com um estereótipo. Tais piadas revelam que essas narrativas operam com os opostos e com representações estereotipadas: os crentes e os descrentes, sendo que os descrentes são estereotipados como bêbados, dorminhocos... No caso da piada contada por Beto, o missionário busca por fiéis, mas encontra surdos de tipos variados, que não se encaixam ao que ele está pregando.

4.1.4 Outras Produções Humorísticas: *Stand up comedy*, histórias em ABC e esquetes

Ao analisar o material selecionado, observei que algumas produções humorísticas apresentam algumas características recorrentes, as quais passo a explicar nesta seção.

“*Stand up Comedy*” é um tipo de humor muito popular entre os ouvintes e caracteriza-se por uma apresentação de cerca de 60 minutos feita por apenas um comediante. A palavra inglesa “*stand-up*” significa “em pé”. Por muito tempo os surdos praticamente não tiveram acesso a este tipo de apresentação pelo fato de que a interpretação de um espetáculo como esse traria dificuldades de ritmo da fala do comediante, consequência da diferença cultural e linguística.

Alguns surdos começaram a fazer esse tipo de trabalho, abrindo o mercado para o humor em sinais. Esses profissionais são mostrados não somente nas associações, mas mesmo entre os ouvintes, a fim de que tenham acesso ao trabalho em sinais. Lembro de alguns surdos que têm ou tinham capacidade de fazer este tipo de apresentação e não dispunham dos meios para executá-lo. Em geral, tais apresentações mostram maneiras de perceber a cultura surda.

No vídeo intitulado “Pot”: An ABC Story (“Pot”: uma história ABC)¹⁶, o comediante narra uma história, elaborando uma ação para cada configuração de

¹⁶“Pot” - An ABC Story by Ken Glickman. País: Estados Unidos (ASL). Duração: 1'54”. *Profile* no *youtube*: ProfGlick. Disponível em: <<http://www.youtube.com/results?searchquery=abc+story+by+ken+glickman&aq=f>>.

mão das letras do alfabeto, sendo que todas as letras são incluídas. Este gênero de história humorística é muito comum entre os surdos, consiste em fazer com cada letra do alfabeto uma parte da história, obtendo no desenvolvimento da narrativa significados que se associam à sequência das letras ABC... É um exercício que segue uma seqüencialidade e tenta construir uma história.

Neste ABC o comediante cria uma história que tem referência ao uso do cigarro ou da maconha. No vídeo postado no youtube o comediante coloca um aviso de que está somente criando uma história e não fazendo apologia ao uso de drogas. Todas as configurações de mão e a sinalização dão a entender que se trata de um grupo de pessoas em roda que passa o cigarro/maconha de mão em mão. Do A ao Z, muitos cigarros são fumados e o comediante, então, começa a cambalear.

O humor aqui parece exercer um papel político de advertência ao uso de drogas (no caso, cigarro ou maconha). O uso do cigarro sendo freqüente, constante, assim como o ritmo do ABC traz a dependência e a morte, como mostrou o comediante. Embora não tenha caído, a idéia que passa na história é a de que, ao final, o corpo padece.

O vídeo “John Smith: visual comedy”¹⁷ (John Smith: comédia visual) tem a apresentação de um comediante surdo chamado John Smith mostrada em uma reportagem do jornal inglês “*The Guardian*”. São mostrados depoimentos dele e também partes da apresentação. O surdo fala o quanto é importante que sejam mostrados os talentos das pessoas surdas e que existem comediantes em potencial em muitas associações de surdos.

As piadas de Smith abordam o tema das diferenças entre o cotidiano dos surdos e dos ouvintes. Uma das referências é o fato de os aparelhos de audição serem feitos para agradar aos ouvintes; ele dá o exemplo de uma criança completamente surda na qual os pais introduzem a utilização do aparelho. Os pais ficam satisfeitos com o fato de a criança ouvir ruídos, isso é criticado por Smith por ser algo que não pertence à realidade da criança, mas à mera satisfação momentânea dos pais ouvintes. O comediante também fala sobre seu processo de criação, de como observa a rotina das pessoas surdas e transforma isso em histórias engraçadas.

¹⁷ Vídeo: John Smith: visual comedy. País: Inglaterra (BSL). Duração: 6'19". Profile no youtube: TheGuardian. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9cvZyLW8raA>>.

A esquete é um gênero de apresentação dramática curta, que geralmente tem um roteiro simples. Muitos surdos fazem essas apresentações em associações, também em encontros, e os temas são variados. Existem muitas produções dos surdos em termos de apresentação teatral, mas são geralmente apresentações curtas, pois os surdos preferem este tipo de encenações; as narrativas são breves e tratam dos assuntos da atualidade, como política e notícias.

Com o *youtube*, os surdos podem divulgar essas encenações e perceber que existem semelhanças nas narrativas e na condução das encenações. Muitas das idéias dos vídeos encontrados são semelhantes a peças já feitas por surdos que conheço, isso mostra como a experiência dos surdos se aproxima mesmo vivam em países diferentes, devido à sua experiência visual e uso de uma língua de sinais.

Uma das esquetes que analisei foi “*Four Deaf Yorkshiremen 2*”¹⁸. Os atores do primeiro vídeo intitulado “*Deaf Yorkshiremen 2*”, estão falando sobre suas mulheres e novamente apostando quem tem a pior experiência. Desta vez eles discutem quem teve o pior casamento. Um dos participantes da conversa diz que sua esposa o traiu com o faxineiro do clube de surdos, mas o que acaba ganhando a aposta é o que foi casado com uma intérprete. Ao separar-se, o surdo teve que começar a pagar intérpretes para acompanhá-lo, uma vez que não tinha mais a esposa ao lado.

Eles trataram de um assunto que diz respeito à relação com pessoas ouvintes, especificamente os intérpretes. Observei que a esposa era considerada uma intérprete. É importante perceber que existem posições distintas em relação ao casamento. O desafio, entre os surdos, era relatar uma história que impressionasse os demais pelo tom humorístico e trágico. A história é peculiar e evidencia também um outro papel que ouvintes (cônjuges, filhos...) muitas vezes exercem na relação com os surdos, como o caso em análise: esposa e intérprete. Essa discussão existe em muitos momentos do convívio entre surdos e ouvintes, mas depende de como as pessoas conduzem suas vidas. Depende da relação do surdo com a cultura dos ouvintes e como o ouvinte recebe a diferença do surdo em sua vida.

¹⁸ Vídeo: “*Four Deaf Yorkshiremen 2*” (Quatro Surdos Yorkshiremen 2). País: Reino Unido (BSL). Duração: 10’. Vídeo com legenda em Inglês. Nome do *profile* no *youtube*: charliewinbourne. Disponível em: <http://www.youtube.com/results?search_query=four+deaf+yorkshiremen+2&aq=f>.

O vídeo Deaf-CI 4 apresenta a história de um casal surdo vai ao restaurante e tem dificuldade em se comunicar com a garçonete. A partir daí percebem que isto poderia ser facilmente solucionado se fizessem a cirurgia de implante coclear. A garçonete se sensibiliza com o fato de não ter compreendido o que os surdos solicitaram. Após a cirurgia, os dois retornam no mesmo restaurante, e, já devidamente oralizados, fazem o pedido à garçonete, esta, no entanto, já havia feito curso de língua de sinais e pergunta ao casal, numa sinalização fluente, o que eles gostariam de pedir. Os dois percebem que haviam perdido tempo de ter feito o implante. Logo após, eles entram num clima de romance e se preparam para beijar, mas quando se aproximam um do outro eles acabam ficando grudados pela cabeça por causa do magnetismo do implante. No final os dois resolvem correr em direção a uma parede para que com o impacto sejam separados.

O vídeo mostrou que os aspectos negativos do implante estão sendo cada vez mais vistos como piada pelos surdos. Pelo fato de muitas pessoas ainda acreditarem que o implante pode funcionar como mágica e fazer com que os surdos oralizem é que há tanta discussão entre os surdos a respeito disso. Percebo que os surdos estão numa posição complexa diante desses fenômenos, pois ao mesmo tempo que a medicina propõe “soluções” para a surdez, muitos ouvintes começam a aprender a língua de sinais. Também os surdos têm mais acesso à cultura surda e produzem mais artefatos que fazem da língua de sinais algo aberto e divulgado. Estar nessa posição é algo confuso. Esse momento de tensão entre posições divergentes é, através do humor, contemplado. Tais histórias manifestam também posicionamentos políticos diante desta temática.

O vídeo “*Deaf - Pocket hearing aid*”¹⁹ é encenado pelos mesmos atores do vídeo anterior. A situação é parecida: o homem chega ao bar e pede uma cerveja, quando percebe que seu aparelho auditivo está com defeito e ele não consegue ouvir mais nada. Então ele começa a gritar a palavra “cerveja” no microfone do aparelho, para ver se este volta a funcionar. Quando ele consegue fazer com que o aparelho volte a funcionar ele é surpreendido pelas garçonetes carregando bandejas

¹⁹ Vídeo *Deaf - Pocket hearing aid* (Surdos – Aparelhos auditivos). Duração: 1’30 País: Alemanha (DGS) Profile no youtube: deaftorabi. Disponível em: <http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+pocket+hearing+aid&aq=f>.

com muitas canecas de cerveja. O homem diz que não pediu tudo aquilo, mas as garçonetes afirmam que ouviram ele gritando por cerveja várias vezes.

Esta é uma situação parecida com a do vídeo anterior, mas trata de um período anterior à novidade do implante coclear. Repete a questão dos problemas que os surdos enfrentam no dia-a-dia da comunicação com os ouvintes, mostrando como são inesperadas as situações que decorrem de tentativas de comunicação na língua oral. Além disso, mostra a complexidade que é tentar mudar para ficarem parecidos com os ouvintes. Esse vídeo apresenta a experiência de surdos em convivência com ouvintes e com uma língua falada. De certo modo, apresenta problemas de comunicação na tentativa de oralização.

O vídeo "*Deaf – deaf-CI 3*"²⁰ conta a história de um homem que resolve obter muito dinheiro, que está cansado de viver na pobreza, então pergunta ao seu irmão, que é um ladrão profissional, como ele pode fazer para roubar uma quantia grande de dinheiro. Seu irmão responde que ele deve assaltar um banco, mas para isso ele deve fazer o implante coclear para que possa ouvir os barulhos do cofre e descobrir a combinação deste. Dali seis meses ele reaparece pronto para o assalto, vai ao banco, descobre o cofre, mas na hora de ouvir a combinação do cofre acaba ficando preso no mesmo por causa do magnetismo entre o implante e o cofre. Quando o policial descobre o assaltante o arranca com força do cofre e o leva preso.

Este vídeo também mostra a questão do implante coclear como uma condição para as conquistas dos surdos, mas que acaba não dando certo devido às limitações físicas decorrentes do seu uso. Limitações de lugares, por exemplo, em portas de banco, em lugares que tem alarme, etc.

Vejo também uma espécie de metáfora neste vídeo, já que o surdo é sempre convencido pelos outros ou pelas situações de que o implante coclear é o melhor caminho. No final, quando o surdo é preso, vejo mais do que a simples encenação, vejo que os surdos estão condicionados a obedecer aos ouvintes, então: não há saída para os surdos, mesmo quando ele tenta se parecer com os ouvintes acaba se dando mal.

²⁰ Vídeo *Deaf – deaf-CI 3* (Surdo – surdo-CI 3). Duração: 2'57. País: Alemanha (DGS)". Profile no youtube: deaftorabi. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=I9y0LuOfvgw&feature=related>>.

O vídeo *Deaf – Deaf - Interpretation*²¹ mostra ladrões que perderam a bolsa com o dinheiro e quem a encontra é o surdo. Quando os ladrões voltam para reaver o dinheiro, o surdo já o havia escondido. Os ladrões perseguem o surdo e o ameaçam. O surdo implora para que seja chamado um intérprete e quando este chega, parece tentar mediar a situação. Os ladrões perguntam onde está o dinheiro, mas o surdo só responde que não sabe. Depois o surdo resolve contar para o intérprete onde está o dinheiro, mesmo assim o intérprete, com segundas intenções, afirma que o surdo está falando que desconhece o paradeiro do dinheiro. Os ladrões levam o surdo embora para matá-lo e o intérprete fica feliz porque agora sabe onde está o dinheiro.

Novamente a questão dos intérpretes é trazida como um problema ético para os surdos. Dependendo da formação e da convivência que têm com surdos, os intérpretes vão adotar uma ou outra postura. O vídeo traz de maneira exagerada um conflito que existe no cotidiano dos surdos. Os surdos precisam confiar nos ouvintes, mas como confiar diante de situações como esta? Os surdos confiam nos ouvintes, mas para que este se torne um intérprete de confiança é preciso participar da comunidade de alguma forma, é preciso ser visto como alguém que está disposto a lutar junto com o surdo. A ênfase está na fragilidade da confiança.

O vídeo “*Deaf –Deaf Humor*”²² mostra apenas uma parte das produções do grupo. Consiste em dois *cowbys* surdos fazendo um desafio de agilidade com os sinais. Os dois estão sinalizando uma corrida de cavalos com muitos classificadores em um cenário de velho oeste. Mostra uma prática dos surdos em desafiar uns aos outros para verificar quem tem a capacidade de sinalizar rápido e sem perder o contexto. Vejo em muitos momentos os surdos fazerem este tipo de desafio, em associações, encontros, escolas, para treinar sua língua e capacidade de criação. O vídeo apresenta um desafio, que se desenvolve em forma de trova entre os sinalizadores, produzindo um efeito de sentido em que o ritmo acelerado dos sinais, as expressões faciais e corporais contribuem para a produção do humor na construção da história.

²¹ Vídeo *Deaf – Deaf – Interpretation* (Surdo – Surdo – interpretação). Duração: 4’05. País: Alemanha (DGS). Profile no youtube: deaftorabi. Disponível em: <http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+interpretation&aq=f>.

²² Vídeo *Deaf –Deaf Humor* (Surdo – Humor Surdo). Duração: 2’41. País: Estados Unidos (ASL). Profile no youtube: waltermattos. *Criação do grupo Zilch Entertainment*. Disponível em: <http://youtube.com/results?search_query=deaf+humor&aq=f>.

No Vídeo intitulado Deaf–Olimpíada Teatro²³, Itacir faz uma narrativa encadeando várias modalidades de esportes olímpicos, em que ele faz elo entre os movimentos e usa muita expressão facial e corporal para compor a história. O esporte é algo apreciado pelos surdos, estes têm vontade de participar de muitas modalidades, apesar de não terem sido aceitos no esporte por muitos anos. De um tempo para cá houve uma maior aceitação dos surdos. Existem inclusive olimpíadas de surdos. O vídeo, através dos movimentos e do símbolo das Olimpíadas, faz a conexão entre surdos e esportes.

O sinalizador mostra o quanto a visualidade dos surdos ajuda a criar movimentos, ele conecta de forma exata um tipo de movimento de um esporte com o movimento de outro esporte. A cena fica engraçada, pois o surdo mostra de maneira debochada os movimentos de cada esporte.

Este capítulo procurou mostrar alguns aspectos observados nas histórias que circulam no youtube, em línguas de sinais. Foi possível encontrar algumas recorrências tanto nas temáticas quanto na expressividade apresentada. Não esgotamos a análise, mas destacamos alguns pontos que estão relacionados com o humor e a forma como o mesmo circula no meio virtual.

²³ Vídeo Deaf – Olimpíada Teatro. Duração: 2'02. País: Brasil (Libras). Profile no youtube: rafaelykvalski *Autoria de Itacir do Carmo*. Disponível em: <http://www.youtube.com/results?search_query=olimpíada+teatro&aq=f>

5 A CONSTRUÇÃO DAS MARCAS DO HUMOR DE UMA COMUNIDADE

A vida dos surdos pode ser comparada ao escalar de uma montanha. Escalada rumo a degraus cada vez mais complexos da sociedade em que vivemos. É certo que alguns surdos não percebiam a importância de alguns significados até que estes fossem traduzidos para a língua de sinais.

No material analisado, muitas piadas e anedotas estão relacionadas com os intérpretes ou com a relação entre os surdos e os ouvintes. Os intérpretes não poderiam deixar de ser mencionados. Óbvio, juntos a eles, nós surdos construímos em língua de sinais os conceitos ostensivamente utilizados pelos ouvintes; no entanto, estes devem ser traduzidos. Há tempos atrás parecia não haver esta necessidade, tudo parecia tranqüilo, nada parecia estar fora do lugar, mas agora posso perceber certos movimentos que antes eram obscuros. Isto pode ser uma sensação minha frente à imposição dos ouvintes, do português, do fato de que eu não imaginava que os surdos poderiam chegar onde chegaram.

Existem diversos tipos de intérprete para muitos níveis de interação dos surdos na sociedade. Existem os intérpretes que sabem o básico da língua para a comunicação com os surdos, podendo nos ajudar em situações simples do dia-a-dia; existem intérpretes que traduzem palestras e eventos, o que necessita de uma grande fluência e agilidade em colocar o que é falado ou lido em uma construção gramatical adequada ao entendimento dos surdos; e existem aqueles intérpretes que efetuam uma tradução mais aprofundada em determinados assuntos ou conceitos, por isso trabalham e convivem com os surdos para conseguir transformar os significados de uma forma mais sistemática.

Os surdos já tiveram seus momentos de aparente calma, ou lutas que se configuram a partir de outra visão dos surdos, onde tudo parecia estar em seu lugar: não tínhamos intérprete com formação adequada ao trabalho na universidade, não éramos considerados capazes, éramos os “deficientes” e essa posição inferiorizada raramente era discutida. Depois de alguns anos, a entrada de surdos na universidade parece ter trazido mudanças significativas para esta concepção. Aí os intérpretes já estavam com uma formação mais qualificada e as coisas para comunidade surda parece que começaram a ficar estranhas. Ao melhorar as condições de vida de alguns surdos, deslocando o foco das identidades surdas desde concepções clínicas para concepções sócio-antropológicas (Skliar, 1998) o

leque de discussões se abre e deixa de ser um enfoque que diferencia as pessoas simplesmente por sua linguagem ou seus rituais. Vários fatores estão ligados ao empoderamento dos surdos e com isto a vida dos surdos parece tornar-se mais complexa.

A vida dos surdos tem se tornado complicada. Perceber o mundo agora já não é mais como antes, não temos mais simplesmente ouvintes poderosos na nossa frente que nos dizem o que fazer e como fazer, com sua estranha linguagem. Muitas coisas foram trazidas para nós e vemos que nada é como parecia. O mundo não é estável, não temos simplesmente bocas que se movimentam estranhamente, nós compreendemos algumas coisas do “mundo acadêmico”, mas não tudo, aliás, a maior parte parece estar ainda distante de nós.

Falar em um “mundo acadêmico” não é algo genérico, como também falar em um “mundo surdo” não é simplesmente fazer metafísica. “O mundo surdo como a produção de significados ou de expressão dos surdos” (Miranda, 2001, p.25) é efetivamente um modo de conceber o mundo. Aquilo que tem sentido para nós surdos não necessariamente tem sentido para os ouvintes, percebo isto claramente através do humor, onde os surdos acharam graça de algumas coisas que os ouvintes não compreendem e vice-versa.

Quando um intérprete constrói uma frase em Libras ele próprio está transmitindo, a partir de sua experiência ouvinte da linguagem, a sua língua oral e seu papel de mediador. Se formos pensar naquilo que efetivamente é transmitido para nós através dos intérpretes, vemos a contingência histórica e cultural que seleciona, em dados momentos, o que será ou não traduzido, dependendo do espaço que os surdos ocupam, o ambiente em que atuam.

Ainda há os surdos que compreendem melhor o português e podem decodificar os significados através da leitura e por si só estabelecer os significados, mas isso pode ser visto a partir do mundo surdo se quando o surdo que lê bem conseguir expressar isto em nossa lógica visual e gestual e tornar esta ou aquela palavra relevante para nós surdos.

O mundo surdo certamente não é separado do mundo ouvinte, vivemos no mesmo mundo, no entanto, na vida acadêmica, não temos as mesmas condições de acessibilidade aos conceitos como os ouvintes, a não ser que haja convivência com os conceitos e entre os dois grupos. Adquirir conceitos não deve ser como comprar produtos. Um mundo surdo é um conjunto de regras e valores estabelecidos entre

aqueles que conhecem a língua de sinais e a utilizam. As festas e reuniões, os movimentos políticos e os eventos artísticos, isto tudo faz parte do mundo surdo. Além disso, aquilo que nem pode ser descrito aqui e que, no entanto, é parte fundamental da cultura surda e por questões de limitação lingüística continua num lugar intraduzível.

A maioria dos vídeos analisados mostra imagens de surdos e ouvintes em situação de conflito, de troca, de mediação. Tais histórias, em que a ênfase é o humor, reforçam representações estereotipadas que circulam socialmente ou fazem uma quebra com algumas narrativas circulantes.

5.1 SUJEITOS CULTURAIS

Alguns surdos partem para a cidade grande ou outras regiões que lhe oferecem mais oportunidades. Em busca de trabalho, educação e contato com outros surdos, saímos de nossas cidades de origem para ter uma vida em comunidade nos grandes centros urbanos.

Daí a questão do lugar da comunidade surda. Diz Miranda (2001, p. 28):

Em alguns dos grande centros os discursos são de hegemonia ouvinte e, geralmente, os surdos são oralizados e o movimento se apresenta menos intenso. Se a predominância nos discursos é a cultura surda, então predomina a força surda construída a partir dessa cultura. Essa mudança de discurso possibilita o que denominamos de **sujeito cultural**

Portanto, para nos tornamos sujeitos culturais, como afirma o surdo Wilson Miranda, temos de nos deslocar espacialmente, nos readaptarmos em termos de discursos e conquistar uma consciência de coisas que permanecem obscuras devido à diferença lingüística.

Temos uma comunidade, isso não pode ser negado, os movimentos migratórios e as transgressões políticas, culturais e epistemológicas provam isso. Eu, por exemplo, saí de minha cidade, onde a rotinha do interior era a vida que eu dispunha e não via a possibilidade de outro mundo existir, mas quando me mudei para Porto Alegre tive várias mudanças em termos lingüísticos e de encontro com os surdos, que me possibilitou aprender coisas novas. Quando os surdos passam a freqüentar a universidade as coisas parecem ganhar um status diferente, quando os surdos têm a possibilidade de fazer mestrado e doutorado podem defender sua comunidade e promover um modelo que seja flexível o suficiente para uma

multiplicidade de usos da língua. Tudo isto contribui de maneiras diversas para o movimento político, para as concepções que nós, surdos, temos do mundo, e para as concepções que os ouvintes têm de nós.

Eu vejo que as universidades no Brasil têm incrementado o trabalho junto às comunidades surdas e as próprias comunidades têm se desenvolvido em função deste “mundo acadêmico”.

Daí a importância da internet como um veículo que tira das localidades, dos particulares, e desenvolve uma política mais global de interação e troca entre surdos e ouvintes.

Em termos de concepção e construção de subjetividade dos surdos, a internet trouxe muitas mudanças significativas, pois permitiu que os surdos se comunicassem com pessoas surdas de diferentes países. Os surdos podem perceber que existem comunidades surdas em diferentes partes do mundo e que se organizam de diferentes formas e têm soluções diferentes para problemas parecidos.

Além disso, os artefatos culturais são mais divulgados, como no caso do humor, que através da comunicação gestual pode ser entendido em diferentes línguas de sinais.

5.2 COMUNIDADES VIRTUAIS E PERTENCIMENTO CULTURAL

Percebi que as comunidades virtuais seriam uma base de dados bastante interessante para o meu trabalho, pois refletem a possibilidade do encontro entre surdos de diferentes localidades e, portanto, de trocas culturais que marcam diferenças radicais no que concerne à cultura local vivenciada pelos surdos. Percebo certa saturação referente às associações, ao menos naquela em que eu frequento, no que concerne à demonstração de algum movimento de mudança, troca e comunicação, por eu já conhecer muito os participantes ou simplesmente por não despertar interesses maiores o que é dito nesses locais para fins de análise.

Parece-me que as associações ainda buscam uma unidade, uma comunidade única e poderosa que vá mostrar a capacidade dos surdos em desempenhar as mesmas funções que os ouvintes. No entanto, vejo que esta união integral dos surdos não é possível, nem talvez desejável. Claro que as associações lutaram e lutam por integração e pela imagem do surdo com alguém capaz; no entanto, as

culturas surdas se vêm demonstrando serem cada vez mais locais e sutis. Seja na publicidade, seja na possibilidade de uma ferramenta como *youtube*, o que vejo é a possibilidade de uma troca entre produções culturais que não exijam um movimento uniforme.

Os surdos parecem estar atualizando a sua relação com a rede paulatinamente, dando cada vez mais vazão às suas maneiras de ver e sentir o mundo, utilizando para isto as possibilidades do mundo virtual. Então os surdos adultos utilizam a rede tanto quanto os jovens, pois ali vêm a possibilidade de consolidar sua cultura, sendo um meio propício para isto, podendo aproximar surdos que estão em países muitos distantes.

Além do mais, os surdos têm uma forma de sistematizar seu pensamento que difere na questão do registro. A escrita dos surdos é a própria língua de sinais²⁴, que sem as tecnologias apropriadas não passavam de uma geração a outra e sequer era possível que uma história pessoal fosse guardada fidedignamente.

5.3 AS CONTEMPORÂNEAS COMUNIDADES SURDAS

Em relação ao consumo da cultura, os surdos têm tido visibilidade em alguns espaços da mídia, alguns comerciais têm mostrado a língua de sinais, como por exemplo, o comercial da Pepsi. No entanto, esta maneira de “descobrir” os surdos está ligada ao interesse de uma empresa em promover vendas.

Esse comercial é veiculado somente nos Estados Unidos, e os surdos podem tocá-lo e ver aqui no Brasil que tipo de representação os surdos estão tendo em outros países, já que aqui os surdos estão pouco inseridos nesta máquina de imagens de publicidade. A peça comercial mostra através da imagem como os surdos se relacionam com o espaço e com o diferente ouvinte. É tudo muito visual, refere-se a uma língua de sinais (ASL), mas também é de uma gestualidade capaz de fazer a cena se desenrolar. O carro, as expressões, as mímicas utilizadas, tudo faz parte de uma contextualização de características próprias de um mundo surdo, que se ergue indiferente à presença dos ouvintes.

A cena explora uma situação vivida pelos surdos diariamente que é a dificuldade de comunicação em situações da vida urbana. Os dois surdos estão

²⁴ Apesar de existir o sistema Sign Writing que consiste num apoio para o registro dos sinais.

procurando a casa do terceiro surdo e não hesitam em buzinar até que a casa seja encontrada. Isso mostra de uma maneira simples algo que talvez os ouvintes nunca tenham percebido; os ouvintes geralmente se surpreendem com essas disparidades e limitações que porventura apareçam na vida dos surdos. Isto pode, certamente, alimentar a curiosidade dos ouvintes em relação às situações vividas pelos surdos, mas, esses ouvintes irão perceber o quão profundas são as diferenças entre os ouvintes e surdos? Ou isto será mais uma curiosidade ou um exotismo em relação aos surdos.

Ao perceber a experiências dos surdos, um ouvinte compreenderia as situações vividas por nós, mas também existem outras dificuldades que nos fazem pensar que somente se ele aprender a língua de sinais conseguirá entender. As comunidades surdas passam a ocupar outro lugar. O que antes era apenas uma questão de visibilidade na imagem de um diferente sendo mostrado na televisão, agora parece envolver não entendimentos e as disparidades entre a experiência do mundo dos surdos e dos ouvintes.

Acho importante que isso ocorra nas comunidades surdas como uma possibilidade de mostrar o que se torna difícil até pela agilidade do mundo midiático, que a experiência surda não se limita à língua de sinais, e que várias características envolvem o ser surdo. Uma comunidade surda se torna portanto, um local de difícil acesso pois para estar em uma comunidade surda é necessário entender suas implicações.

Existiriam muitas comunidades dentro da comunidade surda? Mas o que significa uma “comunidade”? Acredito que os surdos devem buscar referência fora de seus locais comunitários para que a cultura surda se fortaleça e crie novas estratégias de vida. Uma comunidade não se restringe a membros com interesses iguais, muito pelo contrário, existem tantos tipos de pensamentos e comportamentos quantos são os membros de uma determinada comunidade, por isso os interesses e os tipos de pensamento não são nunca conformes a uma lei que regula o funcionamento de um grupo. Um grupo como o dos surdos também guarda suas diferenças internas, que provém do contexto de cada comunidade e ainda de cada indivíduo pertencente a ela. Existem diferenças entre os surdos: surdos acadêmicos, surdos ricos, surdos negros, mulheres surdas, surdos LGBT²⁵. Todos esses grupos

²⁵ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

serão categorizados a princípio pela designação “surdos”? Ou seriam eles designados pelos seus respectivos subgrupos a que pertencem? Esta questão parece insolúvel, seria preciso perguntar a cada um como gostaria de ser denominado.

As diferenças não derivam dos atributos da minoria em questão, e ainda menos de qualquer estratégia que os membros da minoria possam assumir. As diferenças derivam do contexto social em que se constituíram como tais: dos limites. A natureza daquela atribuição forçada que levou a imposição de limites. A natureza de “sociedade maior” deixar sua marca indelével em cada uma de suas partes. (BAUMAN, 2003, p. 83).

As comunidades surdas são também relacionais no sentido de se constituírem a partir das diferenças socialmente construídas. A maior parte dos surdos não percebe que é surdo, não adquire uma identidade surda, não questiona sobre esse modo de viver que seria diferente do modo de vida de alguém que ouve. Mas uma comunidade ainda se fortalece de alguma forma, a comunidade surda, com todas as suas diferenças internas, (de modo que para fins de investigação se faz necessário designar um grupo mesmo que seja provisoriamente), evidencia um estatuto minimamente sólido para que se possa fazer um estudo.

O que parece evidente é a necessidade de pensar essa nova configuração do saber, a partir do registro, mesmo que um registro não amplamente divulgado, como a maioria dos vídeos postados no *youtube*. O que é exatamente novo é o tipo de relação que as pessoas estabelecem como o pensar e o fazer, o expressar, através deste domínio da rede mundial de computadores. É possível ver que o fato de as pessoas terem coragem de postar suas opiniões em língua de sinais significa que uma expressão lingüística poderá ser acessada. A palavra dos surdos, que mesmo em livros escritos por surdos, parece ser imiscuída por regras gramaticais da língua oral.

No entanto, a rede em sua multiplicação de ferramentas de conhecimento questiona o pensar, além de trazer “[...] novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência [...]”, (LÉVY, 1999, p. 157) e parece trazer, com a possibilidade de veiculação da imagem em movimento, um novo meio. Este talvez não seja seguro como as

instituições modernas que detinham o saber, mas certamente uma nova maneira de fazer o surdo “entrar” no jogo do saber/poder²⁶.

Existem inúmeras comunidades surdas, mesmo na internet, no *YouTube* encontramos diferentes formas de expressão, diferentes línguas de sinais, diferentes assuntos quanto à questão da surdez. Mas o que tem me despertado interesse é a questão do humor em língua de sinais, pois esta é uma maneira de captar elementos da cultura que alguns surdos têm desenvoltura e expressam com facilidade. Um assunto que é dominante entre os vídeos compartilhados no site é o *implante coclear*. O implante gerou várias controvérsias, no âmbito das famílias dos surdos, das comunidades acadêmicas e entre os médicos, mas a questão é tratada muitas vezes do ponto de vista das situações engraçadas que são geradas quando um surdo é implantado.

Diversos são os vídeos de várias partes do mundo que tratam deste assunto com humor, por isso não temo quanto à questão ética de tocar nessas interpretações geradas pelos próprios surdos. Essas diferentes interpretações de uma questão como essa mostram o quanto uma comunidade é também volátil por possibilitar tantas intervenções em um mesmo assunto. O implante coclear gerou inclusive processo entre membros de uma mesma família, onde um dos pais defendia que o filho surdo fosse implantado e o outro defendia o contrário, acreditando que a cultura surda poderia dar conta da formação integral do filho. Uma mesma comunidade pode ter várias interpretações para um mesmo problema. Isso pode ser comparado à afirmação de Bauman (2003, p. 70) quando diz que as perguntas estão constantemente sendo refeitas:

[...] na prática, aberta a “batalhas de reconhecimento”, - isto é, repetidas demonstrações de força para descobrir o quanto o adversário pode ser empurrado para trás, de quantas de suas prerrogativas ele poderá ser forçado a abrir mão.

Os vídeos demonstram essa capacidade de multiplicar o debate entre os surdos, proporcionando visibilidade às suas reivindicações. Nesses termos, talvez o

²⁶ Na história do ocidente, os surdos tiveram poucas oportunidades de expressar sua opinião e sua vontade. A partir do momento que os surdos podem responder às exigências do capital, do mercado, da ciência, mesmo que sejam por eles dominados, calados e limitados, podem ao menos estar frente a frente com o colonizador. É um *capital* que está sendo desvendado, um *capital oral*. Os surdos rastejam como cobras pela tecnologia e descobrem suas possibilidades, cada um dos nossos braços é uma serpente atrás de sua presa.

implante coclear seja mesmo um mal necessário, no sentido de dar visibilidade aos surdos e legitimidade à idéias contrárias ao que dizem os médicos. Não vejo, portanto, os surdos que são a favor do implante coclear como inimigos, mas como participantes do jogo que estão promovendo mais uma visão possível do assunto. Existem muitas maneiras de tratar uma questão delicada como esta, mas acredito que o humor serve aqui como uma maneira de tornar mais plural um assunto tão polêmico.

Um dos vídeos que encontrei é de um grupo alemão que realiza vídeos de humor em língua de sinais. Trata de um surdo que quer dar uma de esperto e é aconselhado por um amigo a roubar um banco utilizando o implante coclear. Percebi através dos gestos que se tratava de um surdo estimulando o outro a roubar o banco, sendo que o implante serviria para ouvir o cofre e descobrir a posição certa do código secreto. Acaba que o surdo implantado fica preso no metal do cofre, pois o implante é magnético e deixa o surdo em uma situação embaraçosa, com a cabeça presa na porta do cofre²⁷.

Poder-se-ia pensar que este vídeo é até mesmo preconceituoso, mas acredito que ele seja uma metáfora para dizer que o implante tem suas vantagens, mas pode ser que o surdo não alcance seus objetivos com ele. É senso comum entre os surdos as piadas com relação ao implante coclear e este vídeo pode ser visto em diversas histórias contadas de maneira aproximada.

Do mesmo modo que as nações promulgaram a necessidade de uma identidade e conseqüentemente a produção de toda exterioridade referente ao que é discursivo, os surdos como comunidade também se referem às suas representações. No entanto a “promessa de assimilação pode ser desfeita a qualquer momento sem que qualquer razão seja apresentada” (Bauman, 2003, p.86), e isso não quer dizer que os surdos estejam em busca de uma afirmação irrecusável de sua identidade. Este vídeo mesmo mostra que o trato com a questão do implante é passível de satirização, mesmo se tratando de uma questão que decide muitas vidas de surdos no mundo.

²⁷ Ver vídeo no DVD anexo

5.4 PERTENCIMENTO NO HUMOR

É longa nossa tradição de pertencimento e dispersão. Nós, surdos, estamos na corrente de uma tradição de divisões dos seres humanos, apesar de nem sempre termos participado das deliberações de maneira ativa. As escritas sobre os surdos são, em sua maioria, escritas de ouvintes sobre surdos, o que nos faz uma espécie de povo pós-moderno, não por sermos construídos pelos discursos ouvintes, mas por termos nossa cultura visual apartada da centralidade da escrita e da palavra. Uma cultura que entra no jogo do saber/poder por causa de reivindicações de um grupo social e mostra uma divisão efetuada nos primórdios das civilizações. Nesse momento, entendo o humor, tendo como base a afirmação de Justo (2006, p. 122) de que “[...] o humor é um poderoso instrumento de produção de linguagem e socialidade.” Talvez após o choro de nossas histórias de sofrimento, seja hora de alargar o registro de nossa presença no mundo com uma dose de humor.

O que Bauman (2003) aponta como dependência em relação às culturas centrais e que rege as polarizações das minorias étnicas pode ser verificado nas comunidades surdas a partir das legislações das línguas de sinais e da divulgação das culturas surdas. No entanto, é como se diferença surda ainda estivesse profundamente relacionada com aquilo que os surdos não possuem, àquilo que lhes falta. Bauman (2003, p. 83) afirma que a minoria étnica “[...] é uma rubrica sob a qual se escondem ou são escondidas entidades sociais de tipos diferentes, e o que as faz diferentes raramente é explicitado.” Portanto, Bauman (2003) não olha essa divisão a partir da luta, mas a partir da definição de lugares e de diferenças. Concordo com o sociólogo, pois essas divisões ainda detêm a maioria das possibilidades de vida dos surdos, por exemplo, se não souber ler, estarei excluído de muitos espaços da sociedade. Há uma rigidez que não explica as variações, mesmo quando falamos em “várias culturas” ou empregamos o “multi” querendo abarcar a todos, estamos fazendo uma generalização ao gosto das culturas centrais, que admitem a existência de grupos diferentes, com a condição de que estes possam ser nomeados de maneira inteligível às culturas centrais.

Apesar da dureza destas divisões binárias como maioria/minoria, surdos/ouvintes, existem maneiras de questionar essas divisões, fazendo com que a vida se manifeste com força. O risível faz essa quebra. O que Bergson (2001, p. 28) coloca como o mecânico sobreposto ao vivo é de certa maneira o que vivemos

quando nos forçamos a nos parecer a um modelo. Entender a diferença local é desde já vê-la num panorama de regras e subversões históricas que ultrapassam a constituição de uma identidade ou comunidade. São questões históricas do ponto de vista de implementação das vozes que contam esta história, as vozes que sofreram tal história e ao mesmo tempo são capazes de *narrar* esta história. Se o humor é via possível é devido à diferença, materializada em uma luta que perdura na busca pela via alternativa às imposições ouvintes, no entanto também há uma dimensão que interessa somente aos surdos, e aos que compartilham de sua maneira de se expressar.

5.5 REALIDADE E VIRTUALIDADE

Qual a diferença entre real e o virtual? Desde tempos remotos o ser humano busca maneira de armazenar informações para fazer com que sua experiência seja guardada e lembrada em tempos posteriores. As tecnologias da virtualização das informações têm esse e outros objetivos quando lançam de tempos em tempos novas maneiras de armazenar conteúdos como imagens, textos e sons.

No caso site *youtube*, parece que a tentativa é de registrar o quanto for possível as produções dos surdos, tendo em vista que os registros dos próprios surdos são escassos na história da humanidade. A memória dos surdos deve ser preservada e para isto a padronização de alguns espaços como fontes de conhecimento é necessário. Não digo que este site deve ser o padrão estabelecido entre os surdos, mas entendo que é necessário ter locais onde os surdos poderão registrar e saber que outras produções estão registradas, um meio com mobilidade e onde seja fácil o acesso aos materiais em vídeo.

O registro de piadas, assim como da literatura surda, é importante para que os surdos se percebam como integrantes de um mundo cultural onde a virtualização das imagens é difundida entre os ouvintes. Se antigamente os livros precisavam ser traduzidos por um intérprete para que os surdos compreendessem, agora a possibilidade de acesso imediato a conteúdos na rede talvez dê mais autonomia aos surdos.

A virtualidade é uma característica da cultura contemporânea que coloca os indivíduos em conexão, que disponibiliza o saber e otimiza o tempo que

despenderíamos numa busca em uma biblioteca, ou uma pesquisa por histórias humorísticas, por exemplo.

O mundo virtual é um espaço que vêm possibilitando que os surdos de diferentes partes do mundo entrem em contato e descubram características de diversos outros países. As piadas são um tipo de história que colocam diferentes culturas surdas em contato muito próximo, pois são contadas utilizando os recursos das línguas de sinais, tal como gestos e expressões faciais, o que facilita a compreensão mesmo quando se tratam de surdos de países muito distantes.

A “realidade virtual”, no sentido mais forte do termo, especifica um tipo particular de simulação interativa, na qual o explorador tem a sensação física de estar imerso na situação definida por um campo de dados. (LÉVY, 1999, p. 70).

A sensação de ler os sinais em uma tela é algo diferente. Entretanto vejo que as imagens dos vídeos ganham uma importância tão grande para a divulgação da língua de sinais que é como se estivéssemos tendo a oportunidade de nos apropriar de conteúdos que em realidade nós dificilmente iríamos ter contato ao vivo. Então temos que este mundo, este espaço virtual é também um espaço real, um espaço de interação que está permitindo novos contatos entre culturas e novas trocas. Quando um surdo assiste ao vídeo de outro surdo de outra parte do mundo, está também sendo tocado, sendo provocado e estimulado a com ele dar continuidade às histórias, é uma arte em rede. A “rede” algo que não tem consistência física, mas acaba se efetuando no mundo físico através das manifestações culturais dos surdos.

Há um aspecto material muito importante quando falamos de tecnologias: a procura por um espaço de pertencimento passa pela adequação do corpo às novas realidades da experiência. O computador é uma ferramenta ou um artefato cultural? As duas coisas. Se olharmos pelo aspecto material bruto estaremos diante de um fenômeno pós-moderno de investimento instrumental do corpo, nosso corpo é cada vez mais plural, mais sensível às conseqüências do humor da própria técnica. O que acontece quando, digamos, acaba a energia em nossa casa, e nosso instrumento tecnológico se torna inútil? Ficamos apavorados, querendo que a luz volte imediatamente, nosso humor depende dos humores da cibernética.

O que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte – o computador -, de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são para TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece a hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (LEMOS, 2007, p. 68).

Uma figura que me vem à mente agora é de uma viagem, onde não procuramos exatamente um caminho a seguir: é como se nosso corpo estivesse caminhando sem rumo porque não sabemos exatamente onde está o nosso corpo no meio virtual, a viagem já não nos pertence. Nossas mãos estão viajando nessa rede de informações e nesses corpos eletrônicos como se nossa vida passasse por aí, nesse emaranhado de mãos, pensamentos e expressões faciais. O rizoma tecnológico produz novos corpos dos quais não sei se conseguimos nos livrar, parece que a tecnologia já nos pertencia antes mesmo de existir.

6 O HUMOR COMO EXPERIÊNCIA DE SI

“Rir é o melhor remédio”. Os surdos riem de si mesmo, de seus problemas, seus conflitos, suas dificuldades, como uma maneira de melhorar sua relação com o mundo. O humor é verdadeiro, é uma verdade. Há uma verdade? Segundo Platão o riso é uma afecção não digna de preocupação, não passando de um estímulo corporal baixo que engana a verdade do ser. Mas a verdade dos surdos está no corpo mesmo, nas sensações classificadas como “falsas” por Platão, é neste domínio que nós, surdos, registramos a possibilidade de procurar a verdade. (ALBERTI, 2002)

Eu digo possibilidade de procurar a verdade, porque ela efetivamente não deve ser definitiva nem absoluta, já que o humor é exatamente aquilo que irá desfazer a seriedade de uma verdade. Então, de um lado temos a verdade das mãos que procuram pensar o mundo através de seus movimentos e, de outro, temos a exclusão do corpo segundo a filosofia platônica. Trata-se de um paradoxo que não é exatamente minha preocupação nem parece ter sido a de outros surdos, mas é interessante que daí tenhamos um deslocamento da questão da experiência do surdo.

As festas dos surdos são uma maneira de estes se encontrarem com seus pares, as pessoas que entendem sua língua e a maneira de organizar os pensamentos. Há, por vezes, uma exaltação da festa surda, como momento crucial de construção e perpetuação de uma identidade. Entendo esse momento não somente como uma exaltação do riso e do prazer, mas como possibilidade de encontro entre as pessoas já que se trata de uma comunidade lingüística.

Existe uma história recente que um amigo me contou a título de anedota que expressa um conflito cultural bastante interessante.

Sabemos que nosso presidente da República, Lula, não possui um dos dedos mínimos, marca de um acidente de sua época de metalúrgico. Bem, conta um dos surdos com quem conversei sobre este trabalho, que o presidente teve um encontro com militâncias surdas no palácio do planalto e que os recebeu de braços abertos.

Conta-se que um dos líderes lhe ensinou o sinal de “eu te amo”, nosso tradicional I, L Y (retirado das iniciais da expressão em inglês *I Love You*), que se disseminou entre muito artistas ouvintes. Um dos surdos presentes no palácio do presidente ensinou Lula a fazer a configuração de mão do sinal *eu te amo*. Mesmo

não possuindo o dedo mínimo, o presidente fez o sinal e cumprimentou os surdos, no entanto, quando foi colocar a mão no peito sinalizando o quanto o agradava a presença dos surdos, sem querer acabou chamando os surdos de “feios” (já que o “L” à altura do peito tem esse significado).

As piadas dos surdos são, em sua maioria, questões relacionadas à suas experiências de encontro com o outro ouvinte, conforme vimos no capítulo 4. São histórias que refletem o conflito do encontro entre culturas, por isto são ao mesmo tempo histórias despreziosas quanto ao caráter estritamente político das situações de embate social e também são histórias que refletem uma gama de impossibilidades vividas pelos surdos. Isto marca o que seria uma das figuras, ou imagens às quais os surdos freqüentemente retornam que é imposição das experiências auditivas em detrimento às experiências visuais.

Ser interpelado pela experiência significa vivê-la de muitas formas, pois ela faz diferença e deixa marcas profundas em quem a vive. Uma experiência é como poder entender o que se está vendo, sem a dependência de outra pessoa significa para nós surdos não só autonomia, mas a possibilidade de dignidade. (REICHERT, 2006, p. 22).

Além da autonomia que os surdos desejam, existe também o caráter da experiência válida para ouvintes e surdos, que é o que culturalmente se instaura nos dias de hoje. As mídias como afirmam o autor, são de uso comum para surdos e ouvintes, mas os surdos são por elas interpelados de maneira diversa, através da linguagem visual, o que faz com que os surdos reivindiquem mais maneiras de acessar os conteúdos midiáticos. Posso ver esta interpelação também a partir da linguagem humorística, que certamente é de uso comum entre todos, no entanto o que mais se vê, ao menos nas produções das mídias brasileiras, são conteúdos de difícil acesso aos surdos. O que faz falta é uma maneira de condensar a visualidade e os conteúdos humorísticos comuns para que os surdos se sintam contemplados.

6.1 POLÍTICAS HUMORÍSTICAS ENTRE OS SURDOS

Na Inglaterra, por exemplo, há o Mr. Bean, que é um programa acessível aos surdos. No Brasil houve, por um tempo, uma produção bastante intensa, principalmente pelo quarteto *Os Trapalhões*, nos anos 70 e 80. Mas atualmente não há participação com linguagem visual nos programas humorísticos. O programa da

Rede Globo *Zorra Total*, por exemplo, traz piadas difíceis dos surdos compreenderem, pois utilizam muitas gírias e uma linguagem maliciosa geralmente relacionada ao sexo, que os surdos têm dificuldade de entender naquele formato televisivo, sem tradução.

Televisão deixa gradualmente de ser o meio de comunicação utilizado pelos surdos devido à necessidade dos programas de atingir o maior número de telespectadores possível. A internet individualiza as relações no sentido de cada pessoa fazer sua própria programação neste meio. Os surdos têm na rede a possibilidade de focar seus interesses naquilo que podem ter acesso mais adequadamente, os sites de vídeos, o MSN, o Orkut, os sites voltados para o público surdo, etc.

Acredito que os surdos que sentam diante de um computador, fazendo deste não apenas um instrumento de trabalho, mas também uma ferramenta política e de expressão cultural. Veja que estes surdos participam efetivamente de sua cultura mesmo quando estão sentados diante do computador. Não que não seja necessário que este surdo interaja com seus iguais, mas a internet passa a ser mais um meio de interação, onde as identidades se solidificam e se fluidificam, já que o encontro é *real*, mas também é *virtual*.

O encontro é real, como realidade é tudo aquilo que está à nossa disposição como imagem atual ou possível. Os computadores em rede armazenam informações e as oferecem aos usuários das mais variadas formas, mas o espaço onde estas informações são guardadas não tem uma realidade atual e sim possível. Então como podemos estar nos comunicando e recebendo informações que estão guardadas “em lugar algum”?

É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a algum lugar ou tempo em particular. (LÉVY, 1999, p. 47).

As vivências dos surdos estão contidas nas piadas, elas mostram uma possibilidade de se fazer brincadeiras com coisas que nos afetam. Há um tom de crueldade nas histórias no sentido de que o surdo estaria à mercê de uma queda onipresente ou sofrendo as conseqüências de sua diferença. Relato duas histórias engraçadas que são freqüentes entre os surdos, essas duas histórias são populares

entre os surdos. Além daquelas histórias que estão no youtube e que foram descritas no capítulo 4, trouxe uma outra que é recorrente dentro das associações:

Os deficientes foram convocados por Deus para subirem no monte dos milagres, para que suas deficiências fossem curadas. O primeiro a subir foi o cego que com sua muleta subiu vagorosamente o morro. Ao chegar lá Deus falou: “Meu filho, abra os olhos e vê!”. O cego abriu os olhos e enxergou! Imediatamente jogou sua muleta morro abaixo. Logo em seguida subiu o cadeirante, que com dificuldade chegou ao topo do morro. Deus lhe disse: “Meu filho, levanta e anda!” Imediatamente o cadeirante ficou sobre os dois pés, atirou a cadeira morro abaixo e saiu correndo. O terceiro a subir foi o surdo, que, acompanhado de um intérprete para entender o que lhe dizia Deus, subiu o morro. Deus lhe falou: “Meu filho, abre os ouvidos e ouve!”. Dito isto o surdo passou a ouvir e prontamente atirou o intérprete de cima do morro.

Esta piada mostra uma situação imaginária que reflete uma vivência comum dos surdos: a companhia de intérpretes em momentos de comunicação. Um momento de comunicação com a divindade seria muito mais proveitosa se fosse direta. Imaginemos a situação de um surdo contando esta ou outra piada a uma pessoa ouvinte, este ouvinte não sabendo a língua de sinais solicita a tradução de um intérprete. Acho que os ouvintes não compreenderiam o quanto esta história é engraçada para os surdos. Isto é algo que acontece com quase todas as nossas piadas, não são compreendidas pelos ouvintes assim como nós temos dificuldade em compreender as piadas ouvintes.

Outra situação vivida pelos surdos é mostrada na história a seguir. São diversas histórias que, em sua maioria, se utilizam de metáforas, trazendo as narrativas de um povo que esteve sempre em situação de fragilidade devido a sua diferença. Esta história também não tem autor conhecido,

O implantado vai viajar de avião, se dirige ao aeroporto e passa por todos os procedimentos normalmente. Na hora de passar pelo detector de metais o alarme dispara e o guarda o faz voltar:

- Senhor, os seus objetos de metal, por favor.

O homem muito prestativo, diz “pois não” e passa a esvaziar os bolsos deixando os objetos em cima do balcão. Retorna para passar novamente pelo detector e o alarme dispara novamente. Novamente o guarda o chama, sem perceber que se trata de uma pessoa implantada.

- O senhor, os seus objetos de metal, por gentileza!

Um pouco embaraçoso, tira o casaco cujos botões são de metal. Mas novamente é barrado:

- Senhor, peço que se desfaça de seus pertences de metal. – o guarda já num tom mais grave.

O homem tira as roupas e passa novamente. O alarme dispara. O homem, visivelmente irritado e já de cuecas, diz não estar gostando da situação. Então o guarda, além de olhar dentro de suas cuecas para certificar-se, passa em seu corpo o detector manual de metais, que cada vez que é espasmo que o deixa desfigurado momentaneamente.

Um outro homem que acompanha o implantado diz poder ajudar.

- Deixe que eu resolvo!

Vai até o homem que já totalmente vexado e sem roupas e destrói o implante com pauladas. O implante viaja feliz, E surdo.” (autor desconhecido)

Pensar a surdez a partir de sua produtividade, de seu *ser saber*, significa deslocar os discursos dominantes em relação ao próprio saber. Parece que as tecnologias vêm mostrando uma capacidade crescente de registrar os saberes dos surdos de forma que eles sejam compartilhados. Até o século passado, não se tinha o entendimento do surdo como um sujeito cultural, que têm em sua diferença o potencial de produtividade que se via nos ouvintes. Com as inovações epistemológicas, as estruturas mais substanciais da vida do surdo ganham uma outra perspectiva; já não se tratando mais de seres defeituosos, os surdos começam a se enxergar como produtores, coisa que até então não havia ocorrido. Os surdos até então depositavam o saber e a intelectualidade nas mãos dos ouvintes, agora vêm a possibilidade de eles mesmos serem intelectuais. Vejo neste tipo de produção, de histórias e piadas, uma produção também da ordem do saber, pois está vinculada a uma série de atitudes novas frente à linguagem.

7 REFLEXÕES FINAIS

Os vídeos capturados do youtube para esta pesquisa são provenientes de quatro países: Brasil, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra. Deste fato depreendi muitas possibilidades de reflexão, pois se tratam de três países que, mesmo em suas diferenças, são expoentes das lutas surdas no mundo. Resolvi buscar na internet as marcas de diferenças que me despertassem o interesse e mostrassem efetivamente desafios para pensar as produções culturais em línguas de sinais.

Não que não haja novidades nas associações, mas acho importante analisar culturas diferentes em algumas partes do mundo, para marcar aquilo que talvez esteja muito próximo dos surdos. Por exemplo, as discussões entre surdos que compartilham vídeos no *youtube* são muitas vezes semelhante e até iguais às que ocorrem em nossas associações, porém há a exploração da imagem de uma forma diferente.

Através desta pesquisa percebi que os surdos, não só enquanto produtores de vídeos ou humoristas que mostram a cultura surda em seus conflitos internos, têm a possibilidade de se encontrar no espaço virtual e trocar experiências desde seus diferentes contextos políticos. Desta maneira se pode consolidar uma rede mundial de surdos, uma vez que quando se trata de congressos, ou mesmo de turismo dos surdos, os destinos são geralmente as capitais, como Porto Alegre. Pode haver troca entre os surdos que estão fisicamente muito distantes, não apenas de informações, mas também de expressões *em ato*, ou seja, as histórias dos surdos são contadas como uma produção ativa da cultura.

A produção em língua de sinais na internet é muito vasta, sendo que a maioria dos vídeos são provenientes de países de língua inglesa. Por uma questão de tempo, não pude contemplar os outros países, mas observei que são muitas as produções. Acredito que a supremacia dos vídeos norte americanos se deva em parte à influência da Universidade de Gallaudet, que foi a primeira universidade de surdos no mundo. Isto possivelmente consolidou muito antes a pesquisa, os aspectos lingüísticos, etc, apesar de a situação política dos surdos americanos não ser estável. A questão do inglês é provavelmente algo que contribui, já que para um surdo alfabetizado em inglês as ferramentas de programas de edição são efetivamente mais acessíveis devido ao vocabulário e rapidez em acessar as tecnologias novas.

A maioria dos vídeos analisados é feito na casa dos seus idealizadores, sem recursos elaborados e utilizando a tecnologia disponível de uma maneira criativa.

Dou o exemplo do vídeo “My speech is very clear” onde o sinalizador utiliza um efeito bastante simples para expressar algo que tem um grande significado para os surdos. Assim como o “Best interpreter in the world” que brinca com uma imagem religiosa e faz disso um motivo para o vídeo. Produzir um vídeo é relativamente fácil, bastando dispor de uma câmera, ou mesmo uma webcam, e um programa de edição como o *Movie Maker* do *Windows*. Isso mostra uma forma muito mais acessível e capaz de despertar o interesse dos surdos em registrar suas narrativas, o que na história da literatura aconteceu poucas vezes, devido à limitação da língua. Produzir humor, poesia ou quem sabe, futuramente, romance em língua de sinais é algo que parece estar guardado como possibilidade entre os surdos, que agora se pode fazer com poucos recursos.

O capítulo 4 elencou como categorias de análise “Comunidade Surda E Pertencimento Cultural: os sinalizadores ouvintes”, “a expressividade no humor: metáforas, expressões faciais e corporais”, “piadas: estereótipos em sinais” e “outras produções humorísticas: *Stand up comedy*, histórias em ABC e esquetes”. Tais categorias de análise estão relacionadas com a produção de humor nas comunidades surdas e a forma como o youtube tem trazido impacto e novas formas de fazer circular as produções culturais em línguas de sinais.

Apesar das diferentes línguas de sinais analisadas, percebi que há entre surdos de diferentes países algumas experiências compartilhadas, expressas através das temáticas encontradas nas histórias e da expressividade manifesta na língua. As temáticas que identificamos nas piadas estão relacionadas com as experiências dos surdos com os ouvintes, com a língua de sinais, com os intérpretes, com o implante coclear, com as formas inventivas de vida em comunidade, com as estratégias utilizadas quando há desafios e dificuldades em torno da comunicação e acesso ao que é dito em língua oral, entre outros.

A discussão sobre pertencimento cultural e comunidade surda esteve focada na experiência de pessoas fluentes na língua de sinais (mesmo que auditivamente sejam ouvintes), como é o caso dos ouvintes filhos de pais surdos. Tal discussão mostra a complexidade de definição da comunidade surda somente a partir de critérios audiológicos. Neste sentido, há outras marcas que contribuem para a discussão de comunidade surda e pertencimento cultural, tais como o uso da língua de sinais e o convívio com surdos. A partir da análise de produção em língua de sinais por CODA, intérpretes ou outros comecei a perceber funcionamentos

diferentes tanto na produção quanto na circulação cultural. Não posso dizer que estou convencido de que os ouvintes que dominam a língua de sinais são integrantes da comunidade surda, mas posso dizer que existem diferentes funcionamentos para que alguém possa se tornar um integrante dessa comunidade. No entanto, uma marca é evidente: não basta ser surdo para pertencer a uma comunidade surda. Há outros aspectos que contribuem para esse pertencimento cultural, por exemplo, a convergência de aspectos lingüísticos (compartilhar uma língua), políticos e sociais, entre outras possibilidades.

Quanto à “expressividade no humor: metáforas, expressões faciais e corporais”, observei que essa é uma forma de contar histórias considerando a construção lingüística e visualmente expressiva na língua, com o objetivo de trazer imagens que possam ter um efeito estético a partir da linguagem utilizada. Nas metáforas surdas que analiso, uma imagem pode servir para compreender algo de modo visual. Os surdos as utilizam muito, pois nas conversas elas estão diluídas entre narrações e argumentações, dando o teor de visibilidade àquilo que possa parecer abstrato. Nesta categoria ficou evidente que, para os surdos, a metáfora é mais que uma figura de linguagem, consistindo em uma maneira de expressar o pensamento, através de imagens que carregam sentidos. As expressões faciais e corporais, além de desempenharem funções lingüísticas nas línguas de sinais proporcionam um efeito estético ou desempenham uma função diferente daquela linguagem utilizada no cotidiano.

Na categoria de análise intitulada “Piadas: estereótipos em sinais”, observei que as piadas podem ser consideradas uma maneira de interpretar as coisas. As piadas em geral apresentam histórias engraçadas, em que a linguagem utilizada tem o objetivo de proporcionar o riso. As piadas quebram a forma como a linguagem é utilizada no cotidiano, em geral, elas surpreendem pelo efeito de sentido que provocam, pelo desfecho inesperado que proporcionam.

As piadas mostram também estereótipos que circulam socialmente, ou seja, “Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da identidade – estereotipada, vale repetir.” (POSSENTI, 2002, p. 157). A estratégia utilizada consiste na oposição binária entre dois discursos: certo/errado, positivo/negativo, gordo/magro, ouvinte/surdo...

A última categoria de análise foi “Outras produções humorísticas: *Stand up comedy*, histórias em ABC e esquetes”. Nesta categoria, observei que algumas

produções humorísticas apresentam algumas características recorrentes, por exemplo, *Stand up comedy* é um tipo de humor muito popular e caracteriza-se por uma apresentação, por um espetáculo feito por um comediante, em língua de sinais. Tais espetáculos, em geral, estão associados com a profissionalização do artista surdo, que utiliza o humor como forma de entretenimento e criação de um público. Em geral, tais apresentações mostram maneiras de expressar a cultura surda.

As histórias em A,B,C ou em sequência numérica 1,2,3 são muito frequentes e consiste em dar uma certa seqüencialidade à história, conforme o alfabeto, os números etc... A construção de sentidos, o efeito humorístico está nessa associação entre o tema e a forma expressiva em que a mesma é construída.

As histórias analisadas, seja através de esquetes, trova, piada, exercem um papel político na sociedade. Evidenciam o empoderamento dos surdos através de formas inventivas de se relacionar com a sociedade, com os ouvintes, com a língua.

Acredito que a chamada “alfabetização digital” (Burgees e Green, 2009), tem conseqüências na maneira como se aprende e como se entra em contato com a cultura. Nesta pesquisa não procurei analisar o aprendizado propriamente, mas o objetivo desta dissertação foi verificar as produções culturais dos surdos, especificamente as produções que contêm “os humores da língua” e a forma como os surdos registram suas produções depois de ter à sua disposição o *youtube*, onde a língua de sinais é veiculada no mesmo.

Os vídeos analisados estão armazenados em um site de internet, que pode ser acessado a qualquer hora do dia, e isto certamente não está no mesmo compasso do ensino tradicional de surdos, mesmo em suas propostas mais contemporâneas de respeito à língua de sinais e à cultura.

Os vídeos analisados são produções que criam um ambiente de debate, seja por meio de respostas dos surdos a outros vídeos produzidos, seja gerando reações diversas aos seus conteúdos. Os ambientes virtuais mostram outras configurações da comunidade surda, mostrando muitas maneiras de ser surdo e utilizando o humor como ação política satirizada.

Burgees e Green (2009, p. 200) já indicaram o quanto “[...] as escolas, ao menos as escolas australianas, controlam o conteúdo acessado pelos alunos, inclusive proibindo o acesso ao youtube.” Acredito que as escolas brasileiras, com suas exceções, não se afastem muito dessa realidade, já que as aulas de informática são geralmente direcionadas aos conteúdos das disciplinas.

As tecnologias digitais, em especial programas de armazenamento como o youtube, podem ter uma inserção pedagógica e cultural mais ampla do que os conteúdos escolares, como eu sugeri nos capítulos da dissertação. É possível que a cultura, através de artefatos visuais, possa se consolidar de uma maneira mais efetiva para surdos que somente entram em contato com a língua de sinais no ambiente escolar. Esta dissertação, entretanto, não pretendeu buscar soluções nem impor métodos, mas sim demonstrar acontecimentos que já se desenrolam no seio das culturas surdas.

Por fim, acredito que não é um sonho distante pretender que os surdos tenham êxito na comunicação, na expressão de sua cultura e no uso do espaço escolar para entrar em contato com sua identidade. Os professores podem propor novos usos da tecnologia, usos criativos mesmo com recursos escassos. Um professor em sala de aula pode até mesmo usar seu celular para gravar as produções dos alunos. Tudo depende da criatividade e vontade dos educadores. Registrar a cultura surda é preservar a própria existência dos surdos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O Riso e o Risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGSON, Henri. **O Riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshva. **You tube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CABRAL, Eduardo Jorge de Figueiredo. Dar Ouvindos aos Surdos, Velhos Olhares e Novas Formas de os Escutar. In: COELHO, Orquídea (Org.). **Perscrutar e Escutar a Surdez**. Porto: Edições Afrontamento, 2005. P. 35-47.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un Dispositivo? In: FOUCAULT, Michael. **Filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. P. 155-161.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. 34. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciências & Educação**, Bauru, v. 11, p. 327-345, 2005.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s Juvenis, Identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v. 23, p. 119-135, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultural Representations and Signifying Practices**. London: sage, 1997.
- THE INTERNET Movie Database. **Children of Lesser God, 1986**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0090830/>>. Acesso em: 21 ago. 2009.
- JUSTO, José Sterza. Humor, educação e Pós-Modernidade. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006. P. 103-126.
- LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- Lane, Harlan; HOFFMEISTER, Rob; BAHAN, Bem. **A Journey Into the Deaf World. Califóórnia**: Dawnsign Press, 1996.
- LARROSA BONDÍA, JORGE. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 19, p. 20-28, 168, jan./abr. 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina. 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed 34, 1999.

LOPES, Maura C.; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais Surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**: revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v. 24, nesp, p. 81-100, jul./dez. 2006.

LULKIN, Sérgio Andrés. **O Riso nas Brechas do Siso**. Porto Alegre, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIRANDA, Wilson de Oliveira. **Comunidades dos Surdos**: olhares sobre os contatos culturais. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

PACHECO, Natércia, CAMELO, João. Os Poderes Instituintes de uma Cultura Surda. In: COELHO, Orquídea (Org.). **Perscrutar e Escutar a Surdez**. Porto: Edições Afrontamento, 2005. P. 21-36.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua**: análise lingüística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Os Limites do Discurso**. Curitiba: Criar, 2002.

PEREIRA, Priscila Frehse. **Psicanálise e Surdez**: metáfora conceituais da subjetividade em Libras. Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PERLIN, Gládis; QUADROS, Ronice de. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice de (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. P. 166-185.

QUADROS, Ronice, KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos Lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REICHERT, Andre. **Mídia Televisiva sem Som**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

REZENDE, Franklin Ferreira; PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. Os Surdos no Rastro da sua Intelectualidade Específica. In: QUADROS, Ronice, PERLIN, Gládis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. P. 190-211.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petropólis: Vozes, 2008. P. 73-102.

SKLIAR, Carlos (Org). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2008.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

YOU TUBE. **Choclear Implant 3**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/deaftorabi#play/uploads/22/l9y0LuOfvgw>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

YOU TUBE. **Commercial Pepsi**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ffrq6cUoE5A>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

YOU TUBE. **Deaf Ninja**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L91KVUXRBq8>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

YOU TUBE. **Excerpts of Presentation on Deafhood** – Paddy Ladd. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EExpDalJJDY>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

YOUTUBE, **Paddy Ladd - Excerpts of presentation on Deafhood Part I**, Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EExpDalJJDY>. Acessado em 27 de agosto de 2010.

ANEXO

ANEXO A – BANCO DE DADOS – Adaptado de Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin. Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (no prelo)

BANCO DE DADOS – Adaptado de Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin. Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (no prelo)

	Título	Suporte	Tipologia textual- informativo (In) / persuasivo (per) lúdico (lu) didático (di)
1	Best Interpreter in the WORLD	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
2	Deaf Ninja. Origin	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
3	CODA BROTHERS. ACCEPT THE CI !	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
4	Deaf Ninja DN vs TF	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
5	My Speech is Very Clear	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
6	Four Deaf Yorkshiremen	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
7	Bolinha de ping-pong	Digital- vídeo	(lu) - Humorístico
8	A mosca ...	Digital- vídeo	(lu) - Humorístico
9	Cabelo biblico ...	Digital- vídeo	(lu) - Humorístico
10	Chopp ...	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
11	O dia de Domingo	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
12	An ABC Story John Smith. visual comedy	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
13	Four Deaf Yorkshiremen 2	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
14	deaf-CI 4	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
15	Deaf - Pocket hearing aid	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
16	Deaf-CI 3	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
17	Deaf - Interpretation	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
18	Deaf Humor OLIMPÍADA TEATRO	Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
19		Digital - vídeo	(lu) - Humorístico
20		Digital - vídeo	(lu) - Humorístico

Continuação...

	Ano	Autor/es	Duração/ Público- alvo
1	2006	Apelido Erik	03:20, Adulto fluente em ASL
2	2007	Austin Andrews	02:53 Adulto fluente em ASL
3	2008	CODA BROTHERS ou não identificado	04:36 Adulto fluente em ASL
4	2007	Austin Andrews	04:12 Adulto fluente em ASL
5	2006	Apelido Wayne	02:13 Adulto fluente em ASL
6	2007	John Smith, Matthew Kirby, Ilan Dwek e J. Ried Rimar R.	10:00 Adulto fluente em BSL
7	2009	Segala	03:39 Adulto fluente em Libras
8	2007	Apelido Betto	04:44 Adulto fluente em Libras
9	2007	Apelido Betto	03:12 Adulto fluente em Libras
10	2007	Apelido Betto	03:42 Adulto fluentes em Libras
11	2008	Apelido Betto	03:43 Adulto fluentes em Libras
12	2006	Ken Glickman	03:43 Adulto fluentes em Libras
13	2008	John Smith	01:55 Adulto fluente em ASL
14	2009	J. Smith, M. Kirby, I. Dwek e J. Ried	06:19 Adulto fluente em BSL
15	2008	Abdola T. , Claudia R. , e Maggi I.(Horend)	10:00 Adulto fluente em BSL
16	2008	Abdola T. Claudia R. Maggi I.(Horend) e não identif.	04:48 Adulto fluente em DGS
17	2007	Abdola T. e não identificado	01:30 Adulto fluente em DGS
18	2008	Abdola T. Malte Wicht, Dirk V. , Afro, e Volker S.	02:58 Adulto fluente em DGS
19	2007	Michael Holman e Darrell Roby	04:05 Adulto fluente em DGS
20	2010	Itacir do Carmo	02:41 Adulto fluente em ASL
			02:02 Adulto fluente em Libras

Continuação...

	Editora/Instituição/ Meio de divulgação (youtube)
1	http://www.youtube.com/results?search_query=best+interpretr&aq=f
2	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+ninja&aq=f
3	http://www.youtube.com/results?search_query=coda+brothers+accept+the+ci&aq=f
4	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+ninja+dn+vs+tf&aq=f
5	http://www.youtube.com/results?search_query=my+speech+is+very+clear&aq=f
6	http://www.youtube.com/results?search_query=four+deaf+yorkshiremen&aq=f
7	http://www.youtube.com/results?search_query=bolinha+de+ping-pong+rimar&aq=f
8	http://www.youtube.com/results?search_query=libras+surdo+do+brasil+e+mosca&aq=f
9	http://www.youtube.com/results?search_query=libras+surdo+do+brasil+cabelo+biblica&aq=f
10	http://www.youtube.com/results?search_query=libras+surdo+do+brasil+chopp&aq=f
11	http://www.youtube.com/results?search_query=libras+surdo+do+brasil+dia+de+domingo&aq=f
12	http://www.youtube.com/results?search_query=abc+story+by+ken+glickman&aq=f
13	http://www.youtube.com/watch?v=9cvZyLW8raA
14	http://www.youtube.com/results?search_query=four+deaf+yorkshiremen+2&aq=f
15	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf-ci4&aq=f
16	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+pocker+hearing+aid&aq=f
17	http://www.youtube.com/watch?v=I9y0LuOfvgw&feature=related
18	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+interpretation&aq=f
19	http://www.youtube.com/results?search_query=deaf+humor&aq=f
20	http://www.youtube.com/results?search_query=olimpiada+teatro&aq=f

(continuação)

	Elementos em material multimídia: legenda (Lg) ilustração (il) quadro para sinalização (QS) Sinalizador em 1 plano (SP1) encenação (En) oralidade (Or) Fundo sonoro (FS)	Observações
1	(SP1)	encenação por um ouvinte
2	(SP1)	encenação por um ouvinte
3	(SP1)	encenação por dois ouvintes
4	(SP1)	encenação por um ouvinte
5	(SP1)	encenação por um surdo
6	(SP1)-(Lg)	encenação por quatro surdos
7	(SP1)	encenação por um surdo
8	(SP1)	encenação por um surdo
9	(SP1)	encenação por um surdo
10	(SP1)	encenação por um surdo
11	(SP1)	encenação por um surdo
12	(SP1)	encenação por um surdo
13	(SP1)-(Lg)	encenação por um surdo
14	(SP1)-(Lg)	encenação por quatro surdos
15	(SP1)	encenação por tres surdos
16	(SP1)	encenação por quatro surdos
17	(SP1)-(Lg)	encenação por dois surdos
18	(SP1)	encenação por cinco surdos
19	(SP1)	encenação por dois surdos
20	(SP1)	encenação por um surdo